

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

ANO VII ♦ N.ºs 361, 362 e 363
DOMINGO, 26 de Junho de 1960

♦ ♦ ♦
DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INTERINO)

Armando Rocha Cruz

♦ ♦ ♦
Delegado em Lisboa:

Emílio Valongo

Telefone 45457

♦ ♦ ♦
Redacção e Administração:

Rua Ministro Quarte Pacheco, 9

TELEFONE 59 Vila Real de S. António

♦ ♦ ♦
Composição e Impressão:

Tipografia Socorro

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



NÚMERO COMEMORATIVO DO 8.º ANIVERSÁRIO

EDITORIAL

O 8.º ANIVERSÁRIO DO «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

FAZ o menino oito anos. Junta-se a família toda, vêm até os padrinhos.

Todos o acham com embevecimento; a avó, de cabelos brancos, tem uma neblina de lágrimas nos olhos. A mãe vestiu-lhe umas calças compridas e pôs-lhe na camisa um pequeno laço e é dela o amor mais profundo. O padrinho trouxe-lhe de oferta um relógio de pulso para que ele se não atrase nos deveres escolares.

Estão todos em volta de uma mesa onde há doces e uma garrafa de Porto para os brindes das felicidades sobre uma toalha de linho muito branco, com bordados.

Cada um faz o seu horóscopo e vaticina um futuro risonho ao menino. Querem-no rico, sábio e santo.

Um deseja-o general, outro médico, ainda outro engenheiro ou professor.

Ouve-se então a voz grave do avô, homem curtido na experiência dos temporais da vida: — «Que ele seja um Homem!»

Faz hoje oito anos o nosso Jornal.

Vida curta no calendário do tempo e já bastante longa nesta senda penosa do jornalismo regional que só bem a conhece quem por ela trilha.

Juntamos em nossa volta a nossa família que são todos os nossos amigos — leitores, assinantes, colaboradores, anunciantes, etc.

Não traçamos horóscopos brilhantes, não vaticinamos futuros risonhos.

Serenamente, sem fúrias nem murros na secretária, uma coisa a todos prometemos: continuaremos na defesa dos interesses da Província que nos foi berço e que todos estremecemos e no respeito maior desta Pátria querida que todos desejamos projectada em grandeza na imortalidade dos tempos.

A todos os que em nossa volta se juntaram um comovido e grato — Muito obrigado!

Biblioteca Pública Municipal P. Fernandes Tomás

FIGUEIRA DA FOZ

Ex.^{mo} Senhor

Director do Jornal *Notícias do Algarve*
Vila Real de Santo António

Ex.^{mo} Senhor:

Festeja o excelente jornal de sua tão distinta como criteriosa direcção a passagem de mais um ano de prestante vida, e é com muito apazimento que venho saudar V. Ex.^a e todos os seus Ex.^{mos} colaboradores, nesta memorável data.

Que *Notícias do Algarve* continue, por largos e prósperos anos, ao serviço dessa encantadora Província portuguesa, do País e da Imprensa, são os meus calorosos votos.

Aproveito a oportunidade para uma vez mais agradecer a V. Ex.^a a oferta do seu jornal a esta Biblioteca, cujas colecções muito valoriza, e com os protestos da mais elevada consideração, firmo-me,

De V. Ex.^a

O Director da Biblioteca,
António Vítor Guerra

SAUDAÇÃO EM VERDE

UM BRINDE PELO NOTÍCIAS DO ALGARVE!

NESTE 8.º Aniversário que comemora a data festiva do «Notícias do Algarve» no campo de batalha desta pequena-grande imprensa, aqui estamos, de pé, alquebrados pela luta insana que foi, uma vez mais, a realização deste sonho de todos nós como mostrar ao Algarve e aos algarvios que, durante este tempo implacável, não parámos jamais até conseguirmos que o «Notícias do Algarve» ocupasse o seu devido lugar na imprensa algarvia.

O Leitor vai ler mais uma edição do «Notícias do Algarve», e, desfolhando folha após folha, pensará que valeu a pena esta cansaça contra o tempo e contra todos; e ficará com a certeza que corremos a todos os lados para taparmos esta ou aquela lacuna que surgiu — porque sempre surge — na elaboração do presente número.

Foi a primeira vez que fizemos uma edição nestes moldes, até porque as anteriores não puderam fugir à vulgaridade do quotidiano. Foi, também, a primeira vez que sorrimos, satisfeitos, por pudermos mostrar ao Algarve que o amamos e o idolatramos, levando-o longe, aproximando-o mais do coração dos algarvios espalhados por toda a parte. E, humildemente, orgulhosos, temos a sensação que, mês após mês, e concretizado ho-



je, o «Notícias do Algarve», quer pelo seu aspecto gráfico, quer pela sua actualidade de paginação, conseguiu ultrapassar a craveira de simples jornaleco provincial e guindar-se ao mais alto expoente que deve honrar sobremaneira a imprensa a que pertence.

E a recompensa deste trabalho está em todos vós, leitores amigos cuja dedicação nos acompanha desde o número primeiro — já que os nossos agradecimentos para os nossos Colaboradores e Anunciantes não podem aqui ficar expressos porque os trazemos connosco, dentro do coração.

Bem hajam os que acreditaram em nós.

E. V.



AL-GHARB

ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA...

UM ARTIGO DE

LEONOR BELLO

FÉRIAS! Palavra mágica que nos abre novas perspectivas, novo ambiente, novos rumos...

FÉRIAS! É o silvo de um comboio correndo para o desconhecido; é a sirene de um navio que demanda a barra e nos levará por esses mares além; é o ruído de um avião ganhando altura, atravessando as nuvens, perdendo-se no Infinito.

FÉRIAS! É um recanto de Portugal que nos espera; é o estrangeiro; qualquer coisa que ainda não conhecemos; é quase sempre uma promessa...

Diante da bellissima paisagem portuguesa não podemos deixar de sentir que, para nós, Portugal é sempre a mais bela promessa!

Diante de mim a enorme bacia que forma o rio Arade! Na outra margem ergue-se o casario multicolor de Portimão, cidade indus-

trial. Sobre as águas, muito calmos, os barcos assemelham-se a grandes aves adormecidas. Pela estrada fora, levantando núvens de poeira, passa uma carrinha perturbando a serenidade da paisagem com o seu movimento ondulante. Estas carrinhas com duas rodas e puxadas por um cavalo, são uma das coisas típicas desta região. Percorrem constantemente o trajecto entre Portimão e Ferragudo e Portimão e a Praia da Rocha e, embora não ofereçam uma grande comodidade, têm o seu quê de pitoresco para quem vem dos grandes centros onde os meios de transporte nos dão o máximo conforto.

Hoje não há vento, nem quase aragem. Em todo o ambiente paira a quietação superior propícia às grandes contemplanções! Lá em baixo, no rio, os próprios remos de um barco mal se movem com receio, talvez, de acordarem as águas do seu sono letárgico!

Os pássaros cortam o espaço com as asas muito abertas e paradas como se não precisassem delas, levados pela própria atmosfera. Calaram-se as vozes todas! Se escutarmos bem quase podemos distinguir, tal como num passado longínquo, o canto monótono e dolente dos árabes escondidos neste simulacro de «Cashbah». É pena que os vestígios árabes tenham desaparecido quase por completo nestas terras que foram tanto tempo propriedade de infiéis. De facto, tirando os terraços que todos os anos são caiados de branco para recolha das chuvas e as cisternas colocadas mesmo ao lado das cozinhas ou dentro destas e onde se concentra a água da chuva que os terraços, construídos para tal fim, ali conduzem, nada mais nos faria supor a longa permanência de mouros nesta parte do Algarve.

Ao longe, a Serra de Monchique estende-se por todo o horizonte que a neblina transforma em imperceptível miragem.

O que mais encanta em Ferra-

gudo é a maravilhosa união do campo e do Oceano: O Fúção das Pombas — furva imensa que o mar cavou em caprichos de artista, tendo a sua abertura em pleno mata e onde as pombas fazem os ninhos e esvoaçam constantemente. A Ponta do Altar, enorme penhasco de granito dominando o Oceano com o seu pequeno farol; as duas fortalezas, de S. João — hoje castelo reconstruído e residência particular do Dr. Vieira Machado — e a de St.ª Catarina, mesmo em frente, do outro lado do rio, são as principais curiosidades que ali se disfrutam. As praias são soberbas, especialmente a da Rocha, cuja descrição é difícil, não nos dando as fotografias uma pálida ideia destes areais, numa extensão de vários quilómetros, semeados dos mais bizarros rochedos de estranhos formatos. Tão depressa atravessamos curiosos tunéis como nos encontramos no meio de arcos de enorme altura, semelhantes a visões apocalípticas. Perdido no mar, perto da Praia Grande, fica o Leixão das Gaivotas, no cimo do qual estas se reúnem às centenas, à hora do Poente, enchendo o ar com os seus gritos característicos.

Os tons das rochas, do mar e do céu, formam um conjunto dos mais variados contrastes, e, no mar, alguns pequenos rochedos cobertos de limos, oferecem-nos tapetes verdes e macios onde apeetece correr com os pés nus.

O mais consumado artista terá dificuldade em nos dar num quadro a impressão de beleza que sentimos quando, pela primeira vez, pisamos os extensísimos areais destas praias.

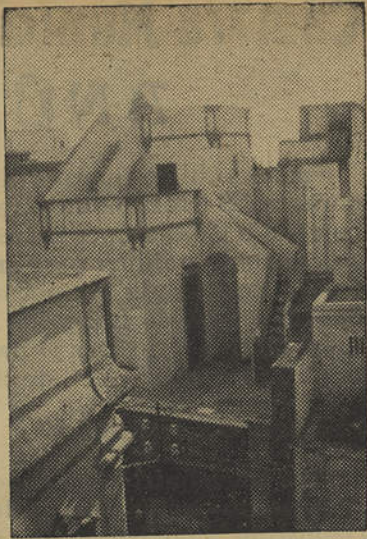
A Ponta de Sagres onde nos conduz uma bela estrada que parte de Lagos, cidade alegre com a sua enorme baía capaz de recolher todas as esquadras do Mundo, e que nos permite visitar a histórica e antiquíssima capelinha de N.ª S.ª de Guadalupe, dá-nos, em cada movimento do mar, a visão magnífica das grandes Armadas portuguesas que, há séculos de distância, sulcavam os aceanos em demanda de novos mundos.

Difícilmente nos arrancamos à magia suprema deste infatigável vai-ven das vagas quebrando-se impetuosas de encontro ao dorso altivo do formidável rochedo que há centenas de anos contempla o mesmo Oceano com aquela fria e quieta impossibilidade das coisas inertes mas eternas. As caravelas passam continuamente diante da nossa imaginação, agitando as suas velas iluminadas pela Cruz de Cristo e fazendo erguer toda a heróica epopeia que apenas os portugueses podiam ter vivido com a sua alma estranhamente sonhadora e artista. Só uma rosa dos ventos, de data incerta, ficou como afirmação da passagem do Infante em Sagres. Do outro lado da pequena enseada o Cabo de S. Vicente deixa-nos a suspeita de poder ter sido ali a Escola do Infante mas hoje apenas podemos admirar um farol, um dos maiores do mundo, que nos fascina com as suas múltiplas reverberações.

(Conclui na 6.ª Página)

OLHÃO VILA CUBISTA

POR
AQUILINO RIBEIRO



A PRIMEIRA impressão — tanto a brancura se dilui na brancura — é de que uma manta alvíssima recobre as casas, fraldejando ao de leve, tremeluzindo aqui e além, fundindo seus refegos e linhas, como um campo de neve sobre que desponta um cru e bravo dia. Mas o sol doira brandamente a cal, explode nos tijolos e clarabóias, tingendo de azul a sombra das empenas, afila aqui as restas, esfuma além dos ângulos, aviva lineamentos quase abstractos, esculpe, traça ao acaso e de propósito, e tudo aquilo é uma lápide imensa de alabastro, povoada duma desconforme e surpreendente escritura rúnica.

Vila cubista chamaram a Olhão, e, de facto, a *vol d'aiseau*, parece a casaria projectar-se duma tela de Picasso para ludíbrio dos olhos afeitos à ordem objectiva das três dimensões. Dum prédio para o outro as açoteias e fachadas imbrincam-se, acavalam-se, sobrepõem-se, desarticulam-se, anuladas pela brancura e pela miragem as leis da perspectiva e do volume. São milhares de cubos em equilíbrio instável, paradoxal, absurdo, como cantarias duma Babel juncando um campo raso. E todavia, deste mar revoltado de planos e desta fanfarra endiabrada de branco, filtra-se uma sensação de pureza, de banho auroral, como rescende o perfume dum canterio de açucenas. E dá vontade de ali ficar à vista da ria, dum azul ideal de iluminura, entre o céu duma diafaneidade de vaporosa, onde mal se aguentam nuvens brancas, e aquele tablado branco, escapo à imaginação mais desmedida.

E' com o sol — e o sol é um xerife sempre presente desta terra que, sem a Nossa Senhora do Rosário, padroeira, iamoz dizer sarracena — que é preciso ver Olhão do alto da sua torre. Do moinho do Levante ao «Mundo Novo», onde a telharia fresca de Marselha põe uma barra sanguínea, rola e flameja a alterosa procela do branco. Um zimbório vermelho, que emerge e sobe no ar como balão de arraial, a cúpula da Soledade, incerta se cobre igreja se mesquita, o vão negro das frestas e até o rasgão oblongo das ruas liquefazem-se no dilúvio de alvaiade.

O próprio areal da ria aparece marchetado de branco, das mil placas deixadas pela água da baixamar. E por cima da selva de mastros, que povoam a pequena angra azul, à espalda das esfumadas ilhas da Armona e da Culatra, longa esta e à flor das águas como um enorme cetáceo adormecido, lá onde céu e mar se confundem, tudo é uma poalha lactea, irisada dum leve, levíssimo matriz de oiro.

Aquilino Ribeiro
(Guia de Portugal)

TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas que V. Ex.^a deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ALGARVE EPOPEIA EM DOIS TEMPOS

POR
JOÃO MANUEL ROCHA DE SOUSA

MENTOS frescos nascem do mar. E os homens, plantados na terra como as árvores à espera do futuro, põem a mão estendida sobre os olhos e, olhando por baixo do sol, descobrem o fim do azul fingidamente imóvel, a ponta de um mistério, a bem dizer, está para além de tudo. Em terra, no meio das vinhas que parecem alimentar-se do pó, torcendo-se no chão ao capricho dos seus antigos nós de raiva, ouve-se um vago rumor oculto na brisa, mas não se pode dizer se se trata somente do mar. A madrugada, derramando claridades baças e roxas por cima das coisas, é sobretudo um silêncio mentiroso, no qual se descobre, com efeito, o ressuscitar dos seres, erguendo pequenos estalidos e sussurros distantes na atmosfera fresca. Mas esta hora de sol, cheia, contudo, de leves carícias de vento e de sal, é sacudida pelo canto profundo das cigarras ou pelos ruídos que, de tempos a tempos, atravessam a estrada e morrem depois, no meio das formas e da luz e dos outros sons. A luz, sobretudo, parece um sonho de prata descendo verticalmente sobre o muudo e cravando pequenas agulhas coruscantes aqui e além. A esta visão de brilhos e de sol associa-se, geralmente, o aspecto de pequenas vilas deslumbrantes de cal, com as suas casas rasteiras ou cúbicas chamejando brancuras dolorosas. E olhando atentamente para os rostos de sombra que páram por instantes nas janelas escuras, e derramando depois a vista pelas vinhas servis e poerentas ou pela faixa circular das praias brancas, a nossa imaginação pode, enfim, pressentir a dor e a beleza deste confronto perpétuo: as marés subindo e descendo, brandas ou roncorosas, a terra e os homens atraídos pela força desse convite ou repellidos pela idéia da morte e pela fúria das ondas. Mas, verdadeiramente, não há temores nem lassidões que façam o homem deter-se. A terra encolhe-se, de-

vastada pela maré, mas as pontas dos barcos estão viradas para o sul, donde pode acenar a fortuna, a miséria ou a morte. A tentação nasce pelo fim da tarde e, a bem dizer, já não se trata de tentação, mas de rotina, de trabalho, de fatalidade. A hora é de sangue: sangue pintado a golpes ne trincha na superfície verde do céu, sangue salpicando a dureza vertical das rochas, sangue roxo mistura-



do ao azul sombrio das águas. E os barcos apontados ao sul, dispostos lado a lado, na linha cavada da praia. Há os primeiros fogos, insinuando calor humano, atrás das janelas das casas agora rosadas e cinzentas. Os troncos nodosos das vinhas rastejam no silêncio da terra. As amendoeiras e as figueiras fazem arabescos e rendas negras no céu cada vez mais seco. Ouvem-se pios isolados, leves e esquisitos na intriga do momento, que vão, enfim decedentes, mergulhar no rio oceano. A hora do crepúsculo, na solidão destes campos litorais, não tem a luminosa densidade que costuma caracterizá-la nas grandes cidades, com o rumor das máquinas e nas vozes, mas lança sobre as casas a mesma poesia de sombras ôcas que parecem carregadas de pavores e de estranhos presságios.

Um pouco antes do princípio da noite, ouve-se o toque pendular e melancólico de um sino, vibrando, efêmero, na solidão. E não se poderá dizer nunca, verdadeiramente, se ele está fazendo a última oração do dia ou se repete, pela força do hábito, a tradicional canção dos mortos. Seja como for, a esse sinal, os barcos mergulham os seus rostos de madeira, com olhos egípcios, na

(Conclui na página seguinte)

ALGARVE EPOPEIA EM DOIS TEMPOS

(Conclusão da 3.ª página)

franja do mar. Os últimos gritos e os últimos acenos da partida, de mistura com o ladrar dos cães e a renovada obstinação da esperança, rolam como folhas leves e dispersas a todo o comprimento da praia. As janelas iluminadas brilham no topo das colinas e os fios de fumo que se desprendem das chaminés são o derradeiro sinal de uma paz doméstica que fica. As mulheres abandonadas na praia ou em casa, esquecem o olhar nas águas móveis. Quem não terá vontade de afirmar então que nesse olhar ao mesmo tempo aflito e desprendido se dissolve uma dor e o sentido denso de uma tragédia? O absurdo parece, enfim, instalar-se sobre a terra: ninguém sabe, verdadeiramente, o que significam os fogos da noite, o palpar telúrico dos seres e das coisas, o som crepitante da terra adormecida, ou a infatigável e surda revolta do mar frente à rocha imóvel. Contudo, à beira do sono, os habitantes desta costa rochosa podem ouvir o fragor da batalha eterna e pensam então, muitas vezes, nos homens que estão dentro da noite e do mar. De tudo o que os rodeia, as dores e os sorrisos, as terras e os homens, a vigília e a morte, sabem apenas, nesses momentos de reflexão junto da fronteira do consciente, que o futuro lhes prepara um modesto funeral de aldeia, com flores, um padre e uma pequena cruz de pedra que será cravada no pó. E adormecem por fim, com as esperanças sempre acesas, metidos nas suas casas, presos na sua terra magnífica de céu e de mar, e sonhando já, talvez, com a madrugada na praia, e os barcos e os pescadores emergindo da noite e da sua vitória marítima.

A madrugada principia com a leve indicação lilaz que surge, sem que se saiba como, por cima da linha rasa no horizonte. Com intervalos curtos, no fundo das sombras, ouve-se o bater surdo das ondas nas cavidades das rochas. No fim de cada pancada, voltando ao silêncio, ouve-se também um ruído fresco de um jacto de água tombando em chuva sobre o mar ou rolando doadamente pela areia molhada. Na praia sulcada de sombras, a costa vertical, com altos músculos de pedra coroados de plantas rasteiras e carnudas, adquire aspectos brutais e oculta-se por vezes, envolta na bruma. Na faixa cinzenta e circular das areias agitam-se pequenas

formas negras ou roxas, inquietas no seu ir e vir entre a terra e a espuma. Da distância, presume-se que sejam homens essa multidão de pontos móveis, que deambulam pela orla da praia, à espera, talvez, do sol da manhã. Algumas luzes, movendo-se também no fim da terra como se cavalgassem o dorso de lentos insectos, mostram que parte desses homens, pelo menos, esteve de vigília nos caminhos da noite. Um risco de sangue rasga as brumas abobadadas que morrem no céu e aquece um pouco as águas fundas. No ar ainda gelado e morto, voam as aves da madrugada, graves e sombrias, como se tivessem despertado de um conto medieval.

O mar, enfim todo azul, separa-se do céu. E o disco de sangue está mais reduzido e transformado em prata. Ergue-se da praia um clamor de vozes, gritos e risos, um ulular constante de embriaguez e de loucura. As manchas confusas, os homens calados e sumidos pela noite, são agora retalhos de cor, salando sobre a luz e os brilhos das areias, erguendo os braços e apontando o sul. No fim das águas rectas, com efeito, vêm-se minúsculos pontos brancos, pairando, imóveis, na linha divisória dos dois azuis.

Finalmente, os homens páram. Têm os rostos brilhantes e os olhos, protegidos pelas mãos, cravados no horizonte do mar. A ansiedade, por fim, é muda e quieta. Os velhos têm os braços caídos e os rostos sulcados escondem-se nas longas cabeleiras. Alguns homens de compridas capas roxas esperam também, adiantando-se mesmo pelo meio das ondas, como se quizessem caminhar sobre as águas e encurtar a distância.

Os barcos bojudos, um pouco pendidos para estibordo, recolhem as velas e vão colar-se a um ancoradouro de madeira e de pedra. Agitam-se panos coloridos. O sol já queima. Correm pela praia, com gestos desarticulados, os últimos homens, os velhos de cabeleiras brancas. Uma pequena multidão acotevela-se, num vozear espasmódico, junto dos barcos agora com as velas recolhidas e os mastros quase nus balançando, balançando, de um lado para o outro. Pequenas lanchas movem-se, doidas e minúsculas, em volta dos barcos. E do interior desses cascos negros e bojudos, que rolam sobre as águas, teimosos, como troncos redondos, erguem-se estranhas figuras macilentas e ossudas, de barbas pretas e compridas. Páram silenciosos em vol-

Câmara Municipal de Alcoutim ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 4 de Julho de 1960, pelas 15 horas na Secretaria da Câmara Municipal de Alcoutim, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de «Construção da Estrada Municipal 507 — 1.ª Fase — (Terraplanagem e O/A do Lanço de Gões a Clarines, na Ext. de 1.305 Metros e do Lanço da E. N. 122 a Alcoutim Entre os PP. 25 e 68 na Ext. de 2.163,23 Metros».

Base de licitação 531.008\$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas filiais ou Delegações, o depósito provisorio de treze mil duzentos e sessenta e cinco escudos e vinte centavos, mediante guia passada pela Câmara Municipal de Alcoutim, em qualquer dia útil, durante as horas de expediente, pelo próprio concorrente,

O depósito definitivo será de 5,00 da importância da adjudicação.

O programa de concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria da Câmara Municipal de Alcoutim.

Alcoutim, 5 de Junho de 1960

O Presidente da Câmara Municipal de Alcoutim
Artur de Moura

VAI A PORTIMÃO?

ALMOCE JANTE OU LANCHE NA
GASA DE PASTO **A IMPERIAL**

Gerência de: JOAQUIM ANTÓNIO DOROTEA

Aberto até às 2 h. — Cerveja a copo e Mariscos

R. da Porta de S. João, 3-A e R. Dr. José J. Nunes, 8-A

ta deste espectáculo de terror. A fadiga e a morte cobrem essas caras devastadas. Algumas têm olhos fixos, condenados ao degredo sem memória da apatia. Vêm-se figuras abraçadas e outras, no silêncio, debruçadas sobre o mar, vertendo lágrimas mudas. E todas, em suma, depois de gestos lentos e desalentados significando negativas amargas, oscilando os braços como se traduzissem a lembrança das algas ou cobrindo o rosto como se quizessem afastar as memórias dos mortos sepultados no oceano, declaram a mesma coisa, sim, todas declaram que não viram terras, nem gentes, e o mar é negro e fundo e parece não ter fim.

Mas à noite, quando todos se resignaram ao silêncio ou decidiram velar em memória dos mortos, alguém, sobre a rocha, esteve a escutar o rumor das ondas e a olhar o brilho das estrelas.

Rocha de Sousa

ANTÓNIO JOÃO HORTA

Estabelecimento de

MERCEARIAS

LOUÇAS

VIDROS

Mercado 1.º de Maio, 38

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Visado pela Comissão de Censura

CAMÕES

SOLDADO DE ASCENDÊNCIA

Materna Algarvia

e Administrador do Ultramar

UM ARTIGO INÉDITO DE

Major MATEUS MORENO

(Especial para «Notícias do Algarve»)



CONFUNDINDO desprezo pelas vaidades humanas com menos orgulho de conquistar glórias para a Pátria, há ainda quem, por vezes, pretenda negar ao desventuroso apaixonado de Natércia o culto das artes bélicas.

Não sou de igual aviso, e parece-me também que o próprio Poeta o não era, ao confessar, na estância 79 do canto VII do seu poema, haver por toda a parte experimentado «Os perigos mavórcios inumanos» e por toda a parte haver trazido.

«Qual Canace, que há morte se [condena, Numa mão sempre a espada e [noutra a pena»,

De facto, sem a altivez da sua índole guerreira ao duplo serviço da Pátria «braço às armas feito; mente às musas dada», — jamais Camões nos poderia ter marcado tanto ao vivo todos os discretivos de batalhas que esmaltam as inimitáveis páginas da sua Epopeia Nacional.

Como espírito superior, repugnar-lhe ia, decerto, a necessidade do recurso aos barbarismos da

guerra, para se tentar obter, através das suas devastações, o que as forças construtivas da paz não sabem ou não podem conseguir. Mas fazer guerra à guerra, responder à força com a força, sempre que as circunstâncias assim o imponham, nunca terá deixado de apresentar-se ao seu sentimento de luso atitude aconselhável pela manutenção da própria dignidade dos povos.

Nem de outra forma se poderia compreender o qualificativo de «soberbo exercício da malfícia» e de «ilustre e bélica fadiga», que em tantos passos de «Os Lusíadas» o poeta dispensa aos actos de guerra, como não se poderia compreender também de outra forma a sua galhardia de soldado, assás revelada em todas as expedições e assédios em que participou.

Deve considerar-se mesmo um verdadeiro retrato da sua alma de soldado — e, através dele, o da alma de todos os autênticos administradores — soldados que formam a vasta galeria dos nossos heróis da expansão ultramarina, — esse quadro, de tão expressivo simbolismo, em que, no canto VI do seu Poema, Camões nos descreve a chegada de Vasco da Gama à Índia, após a tremenda tempestade que quase lhe dizimara toda a frota.

Só com a triplíce autoridade do conhecimento, da experiência e do culto do dever o Poeta nos poderia ter descrito tal quadro com o vigor de tintas com que o faz e acentuar-nos, simultaneamente, em fecho, como quem acaba de cumprir uma ordem:

(Canto VI, est. 95).

* * *

«Por meio destes horrídeos perigos, Destes trabalhos graves e temores, Alcançam os que são de fama amigos
[gos
As honras imortais e graus maiores].
[res].»

Não me permite a natureza destas breves notas o deter-me na apreciação de Camões mediatoivo das célebres «Oitavas sobre o desconcerto do Mundo», escritas, talvez de Ceuta, ao seu ex-pupilo e grande amigo D. António de Noronha, durante a convalescência do ferimento em combate que para sempre lhe apagara um dos olhos, nem de recordar muitos outros passos da obra do Poeta em que, através de todas as suas desilusões, se nos revela, no militar, a devoção emotiva do patriota.

Antes de o acompanharmos, porém, como Soldado da Índia, desde a sua saída da prisão do Tronco, em Lisboa, até ao desembarque, em princípios de Setembro de 1555, naquele mesmo porto de Goa em cujas águas seu pai teria naufragado como capitão de uma nau, havia já vinte anos, salvando-se a custo sobre uma tábuia da própria nau que conduzia, para morrer em terra, pouco depois; antes de o seguirmos no Oriente, desde então e durante mais de três lustros, nas suas rudes fainas de expedições e cruzeiros, por todas as enseadas e ilhas que nos levavam do Estreito-Roxo às costas do Japão — fainas em que não falta também a nota sinistra de um naufrágio, que o deixará durante algum tempo nas costas de Cambôja, junto à foz do Mecom, sem outros bens de fortuna além do molhado manuscrito de grande parte do seu Poema, que teria continuado nos ócios administrativos de Macau; e antes de auscultarmos, finalmente, os últimos latejos do seu coração de Soldado, já de novo em Lisboa, a rilhar a habitual còdea das ingratidões, não deixemos de volver um olhar rápido sobre alguns dos eventos que desde os mais tenros anos lhe moldaram o carácter.

«Onde vagiu primeiro o seu ser vegetativo?» perguntou algures, sobre o nascimento do autor dos

(Conclui na 10.ª página)

AL-GHARB

Onde a terra se acaba E O MAR COMEÇA...

(Conclusão da 2.ª página)

Ao voltarmos para trás, para o interior, encontramos a Serra de Monchique que, vindo a pé do Convento do Desterro — hoje em ruínas — por um caminho cheio de poesia, nos trás às Caldas, de dois de percorrermos uns 14 quilómetros, mais ou menos, da mais bela e variada paisagem, constantemente acompanhados por murmúrios discretos de águas invisíveis. É agora a vez da sinfonia dos verdes, ora tecendo por cima da nossas cabeças um tecto de rendilhada fantasia, feito de ramarias frondosas, ou desdobrando-nos debaixo dos pés tapetes de variados fetos semeados de margaridas brancas e outras flores campestres deliciosas de ingenuidade. Passamos, rapidamente da intimidade de um caminho estreito e sombrio, correndo entre sebes de medronheiros e convidando a confidências, para o deslumbramento da paisagem liberta de todas as peias, descendo vertiginosamente por alcantis rochosos, perdendo-se num horizonte vastíssimo, sucedendo-se matas frondosas a campinas desertas.

E um novo dia surge e um novo passeio nos espera. Fascinante é um passeio de barco por um rio desconhecido! Assim é, para nós, o rio que vamos percorrer até Silves que foi uma luxuosa cidade dos árabes puros transformada, lentamente, pelo tempo, numa insípida e característica cidadezita, sem qualquer valor além de conservar ainda intactas as muralhas ameaçadas do Castelo de tão famosas tradições. Como visão de extraordinária beleza nos aparece essa cidade quando o barco, deslizando pelo rio acima, volta de repente uma curva inesperada. Ao aproximar-nos, a cidade, vista por dentro, dá-nos, porém, uma decepção logo compensada com a soberba vista que se disfruta das ameias do Castelo. Ali perto, a Sé, em estilo gótico, com os seus finíssimos vitrais, permite-nos sonhar durante uns minutos diante do túmulo vazio de D. João II. Após uma visita breve pela cidade, novamente o rio nos atrai. Um pouco mais abaixo surge-nos a célebre Horta de Mata-Mouros e recordamos a estranha lenda relacionada com o Castelo segundo a qual os mouros, depois de um cerco prolongado e não desejando ainda render-se, mas já sem mantimentos, se evadiram por funda cisterna que ainda hoje ali se conserva, vindo sair à Horta por uma ligação subterrânea onde foram, no entanto, surpreendidos e mortos.

Verdade?... Mentira?... A poeira dos séculos dificilmente

deixa ver claro nos caminhos que ela escondeu! Não há, porém, qualquer poeira sobre o lago cheio de frescura em que enormes chorões se debruçam tornando mais escuras as sombras dos cisnes cuja alvura espalha sobre as águas quietas e misteriosas grandes manchas aladas de irreal brancura, deslizando suavemente entre algas que vêm espreitar à superfície, presas às suas raízes fortes e submersas. Hoje, na Horta de Mata-Mouros, este lago é a única coisa digna de ser visitada.

Voltamos, finalmente, a Ferragudo, a poética aldeiazinha, onde os caminhos, serpenteando pelos campos, se assemelham a complicado labirinto, quase todos marginados pelas decantadas amendoeiras do Algarve que a Primavera cada ano veste com os seus longos mantos de noivado e que invariavelmente nos conduzem ao mar, fonte de riqueza para os pescadores de Portimão, sendo a pesca do atum e da sardinha uma das suas principais indústrias.

Em Portimão as luzes começam a acender-se, transformando a cidade numa cascata de lumes. Do outro lado, Ferragudo, alcançada num pequeno montículo, lembra-nos um presépio encantador que nos atrai irresistivelmente.

E o dia finda nessa euforia de luzes enquanto, trazidas pela brisa, parecem vir até nós, vindas de longas distâncias, as palavras de Camões que os séculos consagraram:

«... ali, onde a terra se acaba
e o mar começa...»

Leonor Bello

PORTO
RAINHA
SANTA

ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...

RODRIGUES PINEO

& C.



VILA NOVA DE GAIA

NO ANIVERSÁRIO DO «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

19 DE JUNHO UMA DATA MEMORÁVEL PARA A PEQUENA IMPRENSA

ÉIS uma data memorável a recordar pelos anos fóra, na vida da imprensa algarvia.

E digo memorável, porquanto sei, por experiência própria, as canseiras, revezes e vicissitudes a vencer, a-dentro da redacção dum jornal, para que ele possa sobreviver, ainda que por poucos

Por

J. SANTOR STOCKLER

anos, firme no seu posto, ou seja: a-dentro das suas directrizes inicialmente traçadas.

Sei, digo-o, por que é uma verdade indimentável, os inúmeros dissabores e arrelias que há que esconder, para se vencerem os mil e um obstáculos que surgem a cada hora, dentro da redacção dos jornais de pequena imprensa, o porta voz do povo e dos interesses da região ou localidade onde se publicam.

E como sei' repito, quando se luta e reluta a-dentro dessas portas, os sacrifícios indispensáveis para manter, infelizmente, um jornal de província, se é que esse jornal quere ser digno do seu próprio cabecalho, não posso deixar de aqui reconhecer, publicamente, o esforço dispendido durante oito anos por uma folha regional. Pois para um jornal da província, e demais para uma província apática tanto às suas grandes obras como às suas grandes iniciativas regionais, oito anos representam, equivalem, mesmo, para a vida dos grandes diários, quase um século de existência: Pois enquanto os primeiros apenas vivem da sua escassa meia dúzia de assinantes, — quantas vezes gente de outras regiões! — os grandes diários, mestres da «batuta», vivem à barba-longa das suas inteiras páginas de publicidade paga a bom preço, sem terem a mínima arrelia ou canseira, porquanto têm a-dentro das suas redacções pessoal destinado a cada serviço do jornal. Outro tanto já não acontece com a pequena imprensa que, na maioria das vezes, é o próprio director quem dobra e cinta os jornais, afim de que a folha chegue a horas a casa dos seus assinantes.

É por este esforço quase heróico, esta vontade firme de quem dirige a pequena imprensa, que escrevi estas linhas simples como o seu autor, para felicitar, mas do coração e sinceramente, quantos trabalham a-dentro da redacção do grande e simpático semanário «Notícias do Algarve», jornal que, sem desprimor para os restantes

órgãos da imprensa regional portuguesa, é hoje o pioneiro dessa pequena imprensa. Quero assim, nesta hora, associar-me ao 8.º aniversário de «Notícias do Algarve», fazendo votos para que o desânimo, fracasso de todas as iniciativas, jamais se abeire de quantos trabalhem a-dentro das suas portas, para bem da imprensa algarvia e do próprio Algarve, berço de poetas e trovadores, heróis, santos e dos bravos descobridores desses mares nunca dantes navegados!

Pois só assim, com a sua pequena grande imprensa ao seu serviço, as lendas do Algarve, a beleza das suas praias, todos os seus encantos sem fim, as suas «moiras encantadas» e o perpétuo noivado das amendoeiras em flor, jamais deixarão de ser cantados pelos seus poetas, à luz clara do seu próprio mirante, este mar sem fim que hoje acena ao mundo inteiro, orgulhoso dos feitos heróicos dos seus filhos maiores!

Não é pelos muitos anos vividos, mas sim pelo já muito feito durante estes oito anos em prol do Algarve, que felicito os laboriosos obreiros desta cruzada. Por isso, que a vida de «Notícias do Algarve» seja risonha e feliz pelos anos fóra, tal como a vida futura que deseja a todos os seres, são os meus votos nesta data que, repito, ficará memorável pelos anos fóra, na vida da imprensa algarvia!

J. Santos Stockler

UM ATUM MARCADO NA NORUEGA FOI PESCADO NO ALGARVE

Na armação do Medo das Cascas, em Tavira, foi pescado um atum de 150 quilos que se distinguia de todos os outros por ser portador de uma anilha de um estabelecimento científico da Noruega.

A notícia causou grande sensação entre os ictiólogos portugueses, visto que assim se provou que os atuns pescados na costa algarvia já anteriormente passaram pela Noruega.

O facto é considerado de grande importância, dado que o atum continua a rodear a sua vida de grande mistério e é uma das espécies de pescado economicamente importantes cujo modo de viver permanece quase desconhecido para os estudiosos.



ALGARVE

JARDIM

DAS

HESPÉRIDES

FOR
CARLOS
SELVAGEM

Ao voltar a ser levada à cena no Teatro D. Maria II, a peça «Entre Giestas» do grande escritor e dramaturgo que tanto amou o Algarve Carlos Selvagem, recordou-nos um magnífico artigo deste nosso valoroso escritor, que veio inserto na Revista «A Nossa Terra», há muitos anos publicada em Vila Real de Santo António, onde o brilho e a humanidade do autor de «Tropa de África», relata-nos um Algarves de sonho, um

paraíso perdido neste nosso Portugal; melhor não podia ser, esta modesta homenagem do «Notícias do Algarve» agora ao ser recordada a magnífica obra de Carlos Selvagem.

CONTA algures Pierre Loti, numa daquelas suas páginas de tão límpida beleza, que certa noite, nas costas de Portugal, fazendo seu quarto de ronda a bordo dum navio de guerra, tivera por momentos a ilusão de que na-

vegava, como um herói da Iliada, ao lado das ribas encantadas das Hespérides.

Tudo concorrera para esse encantamento dos sentidos — a noite, duma serenidade elísea, sob a claridade das estrelas, o ritmo cantante e languido do mar embalando o seu navio, as bafagens que de terra vinham, pesadas dos mil aromas silvestres e dos laranjais em flor. Nunca mais o doce poeta-marinheiro passou, de longe sequer, por

terras de Portugal. Mas por toda a vida conservou intacto, no fundo da alma, esse perfume de laranjais floridos como a emanação própria da sua fugitiva hora portuguesa.

Assim, também eu faria do Algarve e seus encantos, se não parecesse pedantesco ousio. Porque é grave cometimento falar, sobre impressões vagas e fugitivas, desse lendário Algarve que tantos poetas teem can-

(CONCLUI NA 16.ª PAGINA)

CONSTRUTORA

DE

António Francisco Neto

Oficinas mecânicas de construção de bombas, aspirantes e arpirantes prementes, em lusalite e fibrocimento, com a adaptação de cilindros de vidro e em aço inox, para extracção de água de poços, líquidos de nitreiras e artesianos

TRABALHOS GARANTIDOS

Encarrega-se da sua montagem em qualquer ponto-do país

Apartado 58

Telef. 23529

VERDEMILHO - AVEIRO

O ALGARVE

O Algarve é formoso jardim onde a amendoeira, de niveas pétalas, entraja de noiva toda uma província, nas horas em que floresce e rescende.

E noiva ela é, região algarvia, eterna prometida do mar, em primeiro viu no seu regresso os varinéis da descoberta, noiva da glória que lhe coube na sagração dos infantes de Ceuta, noiva de Portugal porque, terra do extremo sul, é a das tristes canções que melhor se casam com a alma maguada da Pátria.

Noiva em seu vèu branco, vive à beira das águas nossas madrinhas no santo e heróico baptismo entre as nações.

Rocha Martins

« NOTÍCIAS DO ALGARVE »

VENDE-SE
EM TODO O ALGARVE

LUCUBRAÇÕES

I

Já tenho pensado em versos:
Folhas verdes não secaram
Sons ouvidos sons dispersos,
Que os ventos não levaram...

II

Já tenho pensado em versos!
Não me os custa a fazer...
Não são hoje tão diversos
As razões de os dizer...

III

Já existe aqui o amor
Na terra tudo se crê;
Mesmo na própria dor
Outro aspecto se vê.

IV

Os versos que não fazia
Nos olhos de minha mulher:
Ao amor, à alegria,
Ao riso sacrifício ou prazer.

V

Ficará tudo na terra
Da terra ainda eu sou,
Tudo quanto em mim se encerra
Não é de loucos onde estou.

VI

Na terra o amor a poesia,
Não é tudo que me rodeia;
Nem o sonho ou fantasia
Sim existe e sim campela.

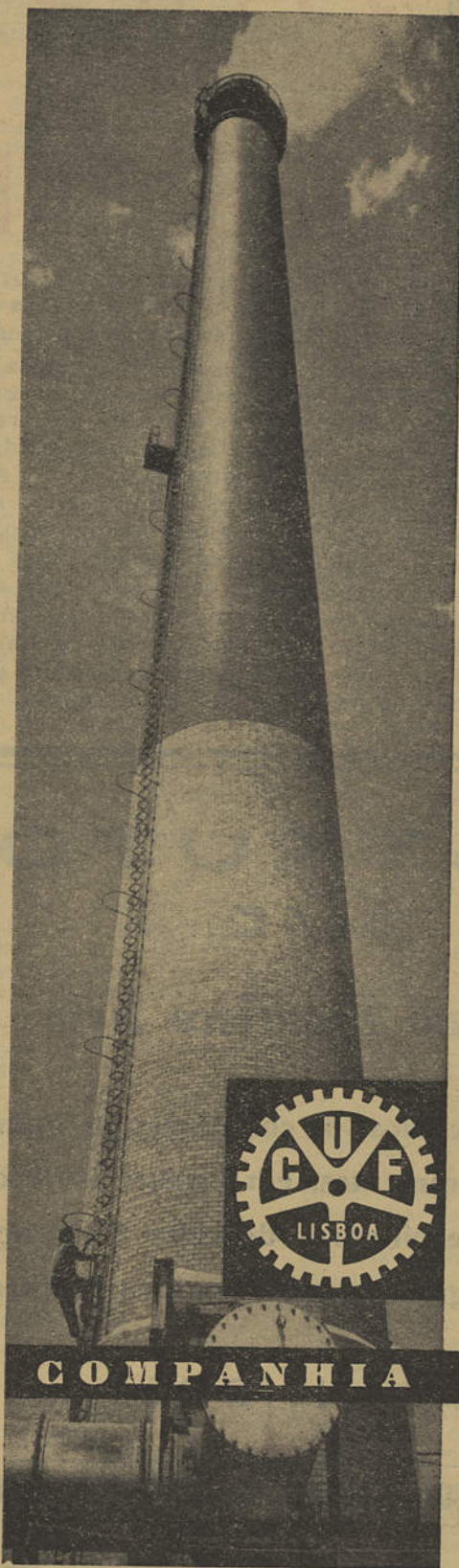
VII

Neste Universo de luz,
Neste conjunto de céus,
Onde resplende Jesus,
Onde só impera Deus.

O Assinante

Heliodoro do Brito

Vila Real S. António



INDÚSTRIA
QUÍMICA

INDÚSTRIA
TÊXTIL

METALURGIA
DOS METAIS NÃO FERROSOS

CONSTRUÇÕES E
REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO
DE FERRO E AÇO

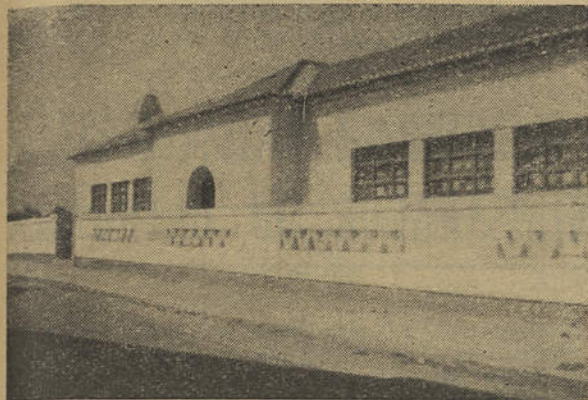
CONSTRUÇÕES
METALO-MECÂNICAS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

RUA DO COMÉRCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA

FOI INAUGURADA UMA CANTINA ESCOLAR

Em Vila Real de Santo António



NO dia 2 de Junho, esteve presente no nosso concelho, o director escolar do Algarve sr. Prof. Virgílio Ferreira Fagulha que se fazia acompanhar do inspector escolar sr. Silvestre de Figuei-

redo, que conjuntamente com a presença do Delegado Escolar do nosso concelho, do sr. Presidente da Câmara Municipal desta vila e de diversas individualidades, inauguraram o magnifico edificio da Cantina Escolar de Vila Real de Santo António, obra a todos os titulos meritória e que se impunha a sua constru-

(CONTINUA NA 41.ª PAGINA)

PARALELO HISTÓRICO

(conclusão da 14.ª página)

ge, Senhores de Neuchâtel.

Terra de tradição, o último cartão anexado à Confederação helvética, que se conservou durante largos anos um principado, alternativamente francês ou prussiano, é talvez nos nossos dias, a cidade tradicionalista da Europa. Tenho sobre a mesa de trabalho, um livro recentemente publicado para comemoração do centenário da Fábrica de Relógios e Cronómetros ERNEST BOREL — uma das mais antigas e das mais artísticas da Suíça. Com uma interessantíssima história de Neuchâtel, o livro traça a vida arcaica duma das terras onde há mais antigos vestígios da vida humana (e até na Idade da pedra na gruta de Cotencher) e onde existe um monumento — a Torre das Prisoões — que conta oito sécu-

los e assistiu a três Eras: o fim do mundo romano, o período bárbaro e a Idade Média feudal.

Seguindo a tradição até no comércio, a Fábrica Ernest Borel está hoje na posse da terceira geração dos seus fundadores e inspira-se sempre no passado, que a cidade religiosamente conserva em cada pedra das suas ruas; para a criação dos seus modelos. O relógio Versailles é uma autêntica jóia que parece ter saído do quarto de dormir de Luís XIV no histórico Castelo, ou do «boudoir» de Maria Antonieta no Petit Trianon.

No aniversário do jornal duma Vila da Europa Real desde 1747 por Mercê de El-Rei D. José I de Portugal, achamos interessante trazer estas considerações sobre outra terra da Europa, Regalíssima Sédes desde 1011, por Mercê da Rainha D. Bertha de Borgonha.



Grande HOTEL RITZ - Lisboa

TODAS as placas deste maravilhoso hotel e do HOTEL TIVOLI, em Lisboa, recentemente construídos foram impermeabilizados e protegidos das poeiras com o



Líquido petrificante único em todo o mundo. Uma pintura com estes famosos produtos, mesmo ao ar salino, têm uma garantia mínima de 10 anos.

Peçam informações sem qualquer compromisso ao Distribuidor Geral

V. T. MARTINS

Rua das Gaivotas 11/A-13 LISBOA — Tef. 668740

Comemorações Henriquinas

(CONCLUSÃO DA 13.ª PAGINA)

sombrosamente criador do Infante e seus colaboradores.

Esses períodos históricos de estagnamento são prejudiciais. Para os evitar, é bem avivar a memória dos povos. Eis um dos méritos de manifestações como as Comemorações Henriquinas.

Nos nossos dias, porém, a par do sentido histórico das grandes manifestações nacionais, também nos devemos preocupar com o seu sentido social.

Hoje, como é sabido, já não se fazem Descobrimientos nem se pratica o expansionismo como nos séculos quinze ou dezasseis. O heroísmo, os conhecimentos técnicos e científicos, a educação da vontade, o intercâmbio entre os povos, tudo se aplica e processa de modo diferente, ante novos horizontes, embora com a maior fidelidade, à ideia da Pátria, e sem esquecer o bem da Humanidade.

Em todas as grandes manifestações devemos procurar lições e estímulos que nos conduzam a um fraterno convívio entre os povos, na paz, na justiça, de modo que os progressos científicos a todos assegurem digno nível de vida moral e económico, base da ordem nos espíritos.

Tudo isto, na escola nacional, se aplica ao nosso Algarve, onde não faltam os valores e os recursos para trabalhar o progresso de tão bela região.

Juliano Quintinha

Lusíadas, o ilustre professor, Dr. Hernani Cidade, uma das nossas maiores autoridades em estudos camonianos.

Tal pergunta ainda não obteve, nem jamais obterá estou certo, uma resposta decisiva.

Da interpretação dos versos:

«Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizera
Estrelas infelizes obrigado»,

Tem-se pretendido concluir que o nascimento do poeta custou a vida a sua mãe, D. Ana de Macedo, — facto que teria ocorrido, segundo as melhores hipóteses, em fins de 1524.

Parece que Simão Vaz de Camões, pai do futuro épico, desempenhava então lugar importante em Lisboa, na «Administração da Casa da Índia e Guiné», e possuía vastas propriedades em Santarém e Mação.

O antigo professor do Liceu de Évora, Dr. Oliveira de Matos, movido, talvez, de sentimental preocupação regionalista, não hesita mesmo em admitir a hipótese do nascimento de Camões na última das referidas localidades — Mação, sua terra natal.

Sem ser alfacinha senão pelo coração, tanto a esta hipótese, como à de Alenquer, e até a própria tese storquiana, que dá o poeta nascido em Coimbra, oponho, com o Dr. Gonçalves Viana, como mais aceitável, a hipótese de Lisboa, onde Simão Vaz tinha, decerto, residência habitual, por virtude das funções que exercia na «Índia e Guiné» e donde aos três anos de idade o futuro vate teria seguido, com o pai e a madrastra, D. Ana de Sá, para Coimbra, acompanhando a corte de D. João III, que para ali fugia aos estragos da peste, nesse ano declarada.

Em Coimbra, onde teria iniciado os estudos, sob a direcção do seu tio D. Bento, prior da Igreja de Santa Cruz (1), cedo se afirma Luis de Camões, não só pela grande vivacidade do seu espírito, como também, mais tarde, pelas suas desenvolturas que não devem circunscrever-se a simples inclinações de estúrdio, porque já em 1535, segundo se crê, não contando ainda, portanto mais de 11 anos, ele teria procurado alistar-se nas forças com que D. João III desejava auxiliar o Imperador Carlos V na heróica expedição da *Goleta* contra o corsário Barroxa.

O romancista e dramaturgo francês Jean Auzanet, em curiosos trabalhos de fundo biográfico — «La Vie de Camoens» — também lhe não isenta a juventude de especiais inclinações mavórticas, aliás herança avoenga.

Como quer que fosse, no entanto, parece fora de dúvidas que, aos 18 anos, já formado em Leis, segundo Teófilo Braga, ou sem qualquer formatura, como preferem outros investigadores, — Luis de Camões é apenas senhor do seu espadachim irrequieto de fidalgo sem recursos e de um gran-

de coração insaciável de amor e de afirmações de patriotismo.

Possíveis referências ao seu invulgar talento, dão-lhe, porém, colocação em Lisboa, nos paços dos Condes de Linhares, como perceptor do filho primogénito dos mesmos Condes, situação que lhe permitirá aprimorar ainda mais não só a sua já notável cultura estética e humanística, a par do exercício das armas, mas simultaneamente transformar em realidade a sua grande aspiração

«Uma ilha que o Rei de Pôrcá tem E que o Rei da Pimenta lhe tomara Fomos tomar-lha, e sucedeu-nos [bem.

Com uma grossa arma da, que [juntara O Vice-Rei, de Goa nós partimos Com toda a gente de armas que [se achara;

E com pouco trabalho destruímos A gente no curvo arco exercitada; Com morte, com incêndios os pu[nimos].

em retribuição da «suficiência literária» revelada nos «Lusíadas», mas, conjuntamente, dos «serviços prestados como homem de guerra na Índia», que em 1572 o mesmo soberano lhe virá a conceder a tença anual de 15\$000 reis, com a nomeação, segundo alguns autores, para a primeira vacatura da feitoria de Chaúl, cujo vencimento aquela tença substituiria, logo que tomasse posse do cargo.

Os ditames do destino não quiseram, porém, que a sorte das ar-

CAMÕES

SOLDADO DE ASCENDÊNCIA MATERNA ALGARVIA E ADMINISTRADOR DO ULTRAMAR

de ser admitido nas assembleias literárias da corte.

Uma vez nestas, porém, o crime de não saber ou não poder ocultar sob o manto das conveniências palacianas o fogo de uma paixão que se lhe ateia na alma, quando não propriamente as cavilosas intrigas de alguns morcegos das letras a quem as lucilações do seu génio perturbavam os frágeis adejos, levarão o rei, pouco depois, a fixar-lhe residência fora de Lisboa.

Seis anos de exílio em terras do Ribatejo, sem conseguir esperanças de qualquer afrouxamento na severidade régia, não podiam deixar de rescender na alma os ímpetos combativos do pequenino soldado que em 1535 já se oferecia para uma expedição contra outra espécie de corsários... E decide-se: — «Tanto como o seu coração em fogo não dispensa o amor de Natércia, a glória da Pátria não pode dispensar também o vigor do seu braço, nas algaras do norte de África».

E entre um exílio estéril e um degredo que glorificasse, não hesita.

Das guarnições de Ceuta, aonde deve ter assim chegado em princípios de 1550, passará às da Índia, em 24 de Março, de 1553, após vários meses de prisão no Tronco da cidade, no regresso de Ceuta a Lisboa, por haver feito, nesta, imoderado uso da espada na cabeça de certo morador da corte...

* * *

Sobre a sua chegada a Goa, após seis meses de tormentosa viagem, refere-nos o próprio poeta na Elegia I:

«Dest' arte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrada sepultura.

«Vi quanta vaidade em nós se encerra
E nos próprios quão pouca: contra quem
Foi logo necessário termos guerra».

E, precisando os actos da operação realizada, o Poeta acrescenta, na mesma composição:

A intrepidez revelada por Camões neste seu primeiro passo de armas no Oriente, parece não haver deixado quaisquer dúvidas sobre o seu valor combativo aos mais exigentes comentadores: «Tudo quanto sabemos do seu carácter — adianta mesmo o pouco marcial Dr. Storck — obriga a supor que não cedeu em coragem a nenhum dos seus compatriotas».

Descendente da melhor nobreza algarvia, pelo lado materno, (2), e galiziana, pelo lado paterno, não podia, de facto, a resultante destas duas tão características influências técnicas deixar de reflectir-se em permanente insatisfação amorosa, no coração do poeta, e ansia de bem cumprir, na alma do guerreiro.

Não desmentiu, realmente, o valor das cicatrizes recebidas no Norte de África, as suas restantes provas de soldado, na Ásia.

E regressado definitivamente a Lisboa, em 7 de Abril de 1570, tão pobre de bens materiais como quando em fins de Março de 1553 fora autorizado a remir por serviços na Índia o preço da condenação que então expiava no Tronco da cidade, será ainda o Soldado do Império que se erguerá na alma do Poeta, apesar de todas as humilhações e abandonos sofridos, a incitar D. Sebastião à jornada de Marrocos, e oferecer-se até para o acompanhar, como será, por seu turno, não apenas

mas bafejasse a nossa jornada de África, nem que a obra de Camões, como administrador do ultramar, — tão mal julgada, aliás, pela obscura experiência de Macau, — pudesse, completar a do Soldado. No entanto, os ensinamentos de disciplina, honradez e devoção patriótica que nos ressaltam de cada estrofe do seu poema, e os próprios exemplos da sua vida de inegável servidor da Pátria, no Ultramar, jamais poderão deixar de ser apontados como permanente lição de juventude.

(1) O Dr. Mário Gonçalves Viana anota no seu livro «Luis de Camões» da colecção «Figuras Nacionais», que, segundo Aubrey Bell, Bento de Camões não era tio, mas sim primo afastado de Camões e apenas um «obscuro cónego» da Igreja de Santa Cruz.

(2) Sua avó era D. Guiomar da Gama, da família de Vasco da Gama.

UM NOVO BARCO PARA SERVIÇOS DE PILOTAGEM NA COSTA DO ALGARVE

Entrou ao serviço da Secção de Pilotos da barra do porto comum de Faro-Olhão, uma embarcação a motor, construída em Faro e que importou em cerca de 145 contos (pronta a navegar).

A «COSTA DE SANTA MARIA», nome com que foi baptizada, vem preencher uma grave lacuna existente na eficiência dos serviços de pilotagem locais, pelo que estão de parabéns todos os utentes dos portos indicados. Para tripular a embarcação, a Capitania do porto de Faro assalariou, com autorização do sr. Almirante Director Geral da Marinha, três marítimos, com as categorias de mestre, motorista e ajudante de motorista. O fundeadouro normal deste barco de pilotos será num local da ria junto à ilha da Culatra e onde está situado o edifício da estação de Pilotos.

QUEM PERDEU?

No posto da P. S. P. desta vila, encontram-se depositados os seguintes objectos: Um cordão em ouro com medalha, que foi perdido na época balnear finda por um veraneante da Praia de Monte Gordo, quatro porta-moedas com dinheiro; um relógio de pulso de cavalheiro, marca «Mensel»; um lenço de senhora em «nylon»; uma placa dentária; uns óculos de sol; um estojó com uns óculos graduados, um tampão de roda de automóvel tipo «Chevrolet» moderno e uma caneta de tinta permanente marca «Ero», que serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

UM PINTOR ALGARVIO EM VIAGEM PELA EUROPA

DIÁRIO SULINO

Por A. VICENTE CAMPINAS

(Conclusão da 3.ª página)

— Que tem feito?
— Tenho pintado para exposições, feito retratos e trabalhado para o Museu Militar em quadros destinados a ele e a museus belgas e franceses.
— Qual é a sua escola.
— Impressionista, mas agora estamos mais avançados, e eu, sou eu próprio. Mas nem sempre se pode fazer aquilo que se quer. Temos de atender a gostos bons ou maus se queremos viver, caso contrário, vive-se mal. É-se artista, mas não conseguimos viver, temos de transigir...
— Quais os pintores antigos que mais admira?
— Goya, Rebrandt, El Greco. Goya — prossegue ele com entu-

O MEU SERÃO

(conclusão da 21.ª página)

ainda de sumo de uma laranja, substitui um forte fortificante.
— Uma chávena desta mistura por dia enriquece o organismo e em melhores condições do que faria qualquer medicamento.
— O suco do aipo, incorporado com o suco dum limão, é um constituinte extraordinário e refrescante.
— Uma infusão das folhas de aipo, facilita a digestão e dá ao hálito uma grande frescura. Para isso tomar-se-ão três cálices do mesmo, dois depois das refeições e um ao deitar.

A RECEITA DO ANIVERSÁRIO

BOLO REAL

Quantidades a empregar

Gêmas de ovos, 12; claras, 6; açúcar pilado, 500 gramas; amêndoa pelada e bem pisada, 500 gramas; compóta de gila, 250 gramas; canela em pó, 10 gramas; vidrado de casca de limão, 1 grama; manteiga para untar a lata, q. b.; farinha para polvilhar, q. b.

Juntam-se os ovos com o açúcar e batem-se muito bem com a mão. Deita-se depois na mistura a amêndoa, a compóta de gila, a canela e o vidrado de limão. Bate-se tudo muito bem, de modo que a amêndoa fique bem desfeita, não se interrompendo este trabalho senão na ocasião de se deitar a massa na forma para ir para o forno.

Tem-se untado muito bem com manteiga e polvilhado em seguida com farinha de trigo uma lata, na qual se deita a massa batida, que vai imediatamente para o forno.

siasmo — é um artista excepcional; os seus «Caprichos» são maravilhosos, e estou convencido de que podem exercer influência sobre qualquer artista da paleta.

— E dos modernos o que nos diz?

Não quero citar ninguém. Na arte admiro o que é bom, seja qual for o estilo ou corrente. As escolas modernas têm muitos nomes, mas eu apenas as classifico como de boa ou de má pintura.

— Qual o quadro seu que acha melhor?

— Isso é difícil de responder, dado que é um assunto de ordem subjectiva. Gosto daquilo que pinto à minha vontade, sem estar subordinado ao gosto dos outros, daqueles que por terem uma mobília em estilo império, querem um quadro a jogar como o ambiente. São os que subordinam a arte plástica à decorativa, quando eu acho que deveria ser ao contrário, ou pelo menos serem interdependentes.

— Quando parte?

— Em breve logo que tenha regularizados certos contratos.

— Para onde vai?

— França, Alemanha, Holanda, Suíça enfim onde me levar a inspiração e a oportunidade.

— Com que fim?

— Com o fim de estudar e sobretudo de mudar de ambiente, pois o nosso deixa muito a desejar, por falta de bons valores e camaradagem. O nosso artista de uma maneira geral não é unido, e por isso quero ver como são eles lá fora.

— Que pintores estrangeiros admira mais?

— Picasso e Bernardo Boufret, este último absolutamente integrado no progresso e técnica modernos.

— Volta?

— De certo.

— Quando?

— Não sei mas devo voltar. Bem vê. A nossa Terra, com todas as suas misérias e grandezas artísticas, é sempre a nossa Terra.

Desejamos ao jovem e talentoso artista muitos triunfos, e que mostre lá fora o valor da nossa pintura.

Agora, já não ouvíamos o carambolar nas calhas enceradas; a música perdera-se num abaixamento de diapasão; apenas chegava a nós o gargalhar fresco de duas jovens que atiravam para o ar aspirais de fumo.

Eis o depoimento de um artista jovem ainda mas com valor confiante nas suas possibilidades de bom pintor que é, porém um tanto desiludido do nosso meio artístico.

(Ecos de Belém)

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

Abelha, em viagem

GARANTO. Posso garantir que só o temor de que fincasse o ferrão no motorista me levou a atacá-la.

Atirando-se de encontro aos vidros, a abelha colou a nossa atenção no seu minúsculo corpo alado. Os olhos de todos zigzeguearam durante segundos.

A oscilar entre o cento e vinte e os cento e trinta, o conta-quilómetros media a velocidade a que nos deslocávamos. A preocupação era coisa ausente, não obstante a vertiginosa corrida. Todos tínhamos total confiança no condutor. Confiança posta à prova inúmeras vezes. E, de repente... De repente, como flecha, uma abelha havia entrado no interior do carro!

Passada a surpresa, o instinto de conservação agiu. Quatro braços se lançaram na batalha. A perseguição distraiu o condutor, numa fracção de segundos. O botão alado atacou-me a cara. Uma palmada atordoou-a. Caiu-me aos pés. Pisei-a, sem a calçar, por segurança.

Veio-me à memória um desastre, recente. Em plena estrada, um amigo meu foi de encontro a um eucalipto. Ficou entre o «vai e fica», durante algum tempo. Depois, contou: uma abelha tinha abusado, querendo mostrar-se-lhe em «grande plano» ante a flor do olhar! Tentou livrar-se da intrusa. Nem teve tempo de saber como aquilo foi... Passado tempo, já convescente, ainda não sabia como tinha sido...

... E a abelha sob o sapato!... Subjugado ao discutível princípio de «não matar», evitava esmagar a prisioneira. Não ficaria de bem comigo, se a esborrachasse.

A marcha foi abrandada, por momentos. Descera para as cercanias dos cem. Levantei, cuidadosamente, o pé. A abelha, atordoada, começou a andar, morosa, talvez ferida. Protegi os dedos com um papel. Prendia-a bem, com escusados cuidados. E na curva da estrada, que surgira, lancei-a fora. Caiu num valado. Respirei fundo. Estava salva a situação.

Desmaio

O velho mirou o céu. Rodopiou a cabeça, como se pretendesse acompanhar invisível rotação.

Por segundos, prosseguiu embedando o olhar no espaço. Súbito, café de borco sobre os braços do minúsculo carro de lixo. O carro tombou. E o velho seguiu na queda.

Um lagatão, postado a escassos metros, viu toda a manobra do desastre. Mas não alcançou a sua significação. Gargalhou ruidosamente e vomitou o insulto:

— Olha a bebedeira que o gajo tem, an? Vaia, vaia...

Depressa me vi junto do velho. Mais outro companheiro na solidiedade se chegou. Entre ambos erguemos o homenzinho. Extremamente pálido, a cabeça dava a sensação de não suportar o seu peso. Num gesto inútil, o velho tentava limpar o sangue que lhe tingia a face.

— Então, tiozinho, que foi isso?

— Foi uma coisa que me deu.

— Costuma dar-lhe isso muitas vezes?

— É a segunda vez. Na primeira foi mesmo ó pé da estrada da carroça.

— Mas... Porque é que não vai ao médico?

O homem olhou sem cólera ou pena. E como se a pergunta não tivesse sido feita, prosseguiu:

— Isto é assim: vem de repente. Vejo tudo à roda, à roda. Foge-me a luz dos olhos. E depois... Bem, depois, já não sei o que se me passa.

— Vossemecê feriu-se — disse o outro companheiro. — Tem sangue numa fonte.

— Não é nada. Isto não tem importância. — E tornou à tentativa de limpar a cara, com uma nojeira de trapo.

— É melhor mas é ir à farmácia. Ou então ao hospital. Pode arranjar alguma infecção.

— Não vale a pena. Isto não é nada. Isto passa.

Retomou a vassoura, entre as mãos gretadas e calosas, que a sujidade mascarava. Introduziu-a na bocarra do recipiente do lixo sobre rodas.

Prendeu as mãos aos varais cancelados do pequeno carro. E arastando os pés, abalou rua fora, enrolado na miséria do seu viver.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

Café Restaurante JANELAS VERDES

A casa das boas tapas

DE

Luis Félix da Silva

CERVEJA A COPO
E MARISCOS

TELEFONE 208

RUA DE AVEIRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A PROPÓSITO DE TEIXEIRA GOMES



PELO
DR. GUILHERME DE O. SANTOS
(Especial para «Notícias do Algarve»)

ANDAVA na Universidade, quando tomei contacto com a formosíssima obra de Teixeira Gomes. Tive a sorte de começar por essa admirável *Gente Singular* e ainda hoje gulosamente recordo o raro deleite que a sua leitura me ofertou. Terras de nomes de magia bailavam-me na imaginação e o Algarve penetrou para sempre no meu mundo de sonho. A esta circunstância se deve, em larga medida, o haver pedido dois ou três anos depois, quando da minha primeira nomeação, que me colocassem em Lagos. E destarte se comprova uma vez mais que pode a literatura produzir efeitos práticos, algo imprevisíveis por vezes...

Por sinal, aí por Fevereiro de 47, testemunhei pitoresco episódio que Teixeira Gomes poderia ter aproveitado para uma das suas primorosas evocações. Por essa altura, aportou a Lagos uma flotilha britânica contida por alguns navios ligeiros. Vinham em visita oficial, e as autoridades locais, com a costumada gentileza, esmeraram-se em preparar-lhes condigna e luzida recepção. Mas, como o homem põe e Deus dispõe, aconteceu que foi muito outra a recepção... Com efeito, a marujada, uma vez em terra, liberta da disciplina de bordo e sem polícia própria que a refreasse, entregou-se com excessivo ardor a prazeres que fizeram em tempos as delícias do seu ilustre patrício Lord Byron. Um dos inconvenientes da nossa merecida fama de país vinhateiro... O certo é haverem resultado de toda esta ebulição à base de *Porto* e *Macieira* pequenos desmandos que acenderam os

brios dos pacíficos lacobrigenses. Consequência: num abrir e fechar de olhos, toda aquela matulagem, dissipados como por encanto os vapores dos néctares, disparava rumo ao molhe e ensardinhava-se nos escaleres. Um sub-chefe de polícia chamado Cava (que apropriadíssimo nome!) deu-se mesmo ares de Heitor que, à ponta de afiada durindana, vassourasse dânaos té os esconsos das bem carpinteiradas naves, como diria a *Ilíada*... O episódio teve, efectivamente, seu quê de homérico e fez-me lembrar sucesso algo parecido, com ingleses também, e belamente narrado por Teixeira Gomes no livro *Agosto Azul*, com o sugestivo título de *Cena Grega*. Nem faltaram sequer, num e noutro caso, expeditos fundibulários, os quais, com valentes pedradas prometedoras de abundante arnica e muita tintura de iodo, remataram sem apelo nem agravo o inglorio desbarato dos nossos fiéis aliados.

Ainda que sem pretensões de ordem crítica, não me furto a dar, resumidamente, a minha impressão de leitor acerca da personalidade literária do autor de *Sabina Freire*.

A meu ver, Teixeira Gomes é acima de tudo uma espécie de memorialista e impressionista. Em suma, um egotista.

O egotismo e o anti-egotismo (assim lhes chamo à falta de melhor) são dois dos grandes caminhos em que a arte se bifurca. Dentro da primeira corrente, tudo gira à volta do eu, e daí a predilecção pelo memorialismo (o au-

tor conta as suas recordações) e pelo impressionismo (o escritor narra as suas impressões no que têm de mais pessoal e fugidio). Pierre Loti, Venceslau de Moraes, Teixeira Gomes afiguram-se-me representativos desta maneira de ser. Dentro da segunda orientação, o escritor procura despersonalizar-se e prefere amiúde obras de tese (v. g., Tolstoi, Jaime de Magalhães Lima Manuel Ribeiro, Antero de Figueiredo, etc.); ou, sem resolver, põe apenas problemas, mas problemas que situa num plano tanto quanto possível objectivo (por ex., Roger Martin du Gard no livro *O Drama de João Barois*).

O egotismo pressupõe normalmente o esteticismo (e assim acontece com Teixeira Gomes), pois, caso contrário, a obra nada teria que valesse artisticamente. Em minha opinião, o esteticismo (a arte pela arte) é um erro, mas não o é menos a tendência oposta, que subalterniza a arte em relação a outros valores: religião, moral e mesmo política. A arte é formalmente independente, concordo, mas, devido até à sua função social, nela se hão-de reflectir exigências provindas de outras formas de cultura igualmente legítimas e necessárias. A arte não está, designadamente, enfeudada à ética, mas dela se não deve também divorciar, porquanto convém seja o artista, como homem, permeável à acção de valores não puramente estéticos. Neste particular, o autor de *Novelas Eróticas* abusou um pouco, caindo aqui ali num amoralismo um tanto dissolvente.

Escreve Teixeira Gomes em *Carnaval Literário*: «Que singular e inútil mania essa de querer desvendarem os supostos motivos que puseram o homem neste planeta! E a que fim? Pois já não é pouco vir

gozar o espectáculo que a vida oferece. O demónio é que houve artes, essencialmente de natureza religiosa, de desviar desse espectáculo a atenção do homem, e em vez de ampliar as faculdades que lho permitam fruir cabalmente, tudo concorre para daí lhe apartar o tento, de modo que a nossa passagem por este mundo se pode comparar à sorte dos que vão ao teatro resolvidos a não olhar para a cena...»

Bem documenta este trecho que Teixeira Gomes era fundamentalmente um artista, um esteta, mas não compreendia o que é a inquietude metafísica nem se achava possuído de anseios filosóficos ou preocupações científicas. Da mesma sorte, são terminantemente

(Conclui na 16.ª página)



AS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

E O SEU SENTIDO HISTÓRICO

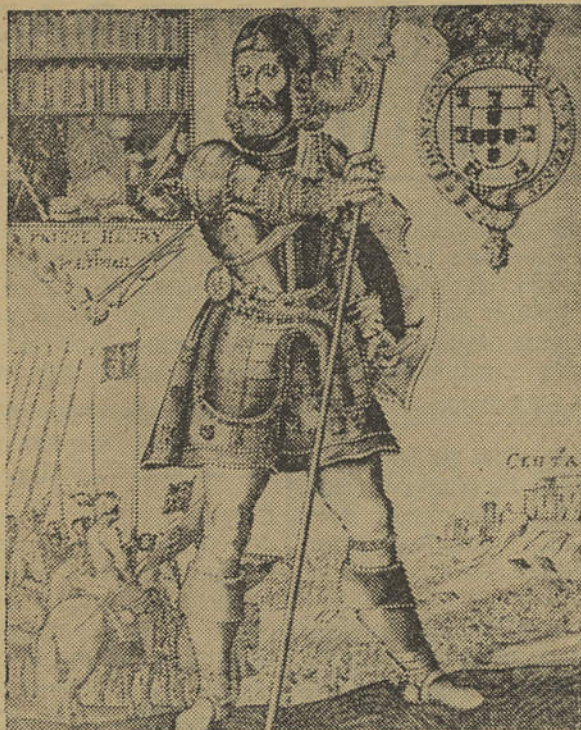
II

SOCIAL

UM ARTIGO DO ESCRITOR

JULIÃO QUINTINHA

(Especial para Notícias de Algarve)



O Algarve extremece de comocção e de discreto entusiasmo no desenrolar das Comemorações Henriquinas em que tomou parte, com o minguido quinhão que lhe distribuíram nas solenidades e novos memoriais destinados a assegurar a perpetuidade da glória do Infante e sentido histórico da sua Empresa.

Talvez pudesse ter sido mais largo e generoso aquele quinhão. Para o reivindicar, bastaria recordar o significado geográfico do Algarve e da presença dos algarvios nos Descobrimientos Marítimos e no povoamento das terras do Ultramar, sem esquecer que em todos os rochedos, praias e muralhas da costa algarvia, desde Sagres ao Guadiana, passou a figura de D. Henrique quando o devoravam as inquietações sobre os hercúleos trabalhos emprendidos para dar a Portugal e ao Mundo os novos caminhos do Mar.

Nesse incomparável momento universal, em que o Promontório de Sagres não é apenas um rochedo simbólico, dourado pelo fulgor dos Deuses antigos e lendários, o Algarve e os algarvios (muitos de nome obscuro que nunca se ouviu pronunciado) teem um grande lugar histórico.

Na vaga consciência do seu valor, os povos têm todos o seu orgulho legítimo que, por vezes, desperta energias construtivas, com utilidade. É natural que o Algarve de hoje tenha a aspiração (e oxalá a consiga) de maior e perdurável partilha nas Comemorações Henriquinas. Não nos referimos às manifestações abstractas, efémeras de fácil patriotismo; mas às realizações de efeitos positivos na cultura históri-

ca, na criação de estímulos para modernose progressivos empreendimento que engrandecem o Algarve como merece, na consciencialização dos valores pessoais e materiais que, melhor aproveitados, podem conduzir o povo algarvio a destinos prósperos e felizes.

A Obra do Infante D. Henrique e dos colaboradores é um luminoso exemplo de vontade forte, de firme persistência, de heroísmo audaz e de amor à Terra Portuguesa, todos estes sentimentos ao serviço de uma progressiva ambição nacional sempre sequiosa de «mai» além». Legítimo se me afigura que o Algarve, tão ligado à Obra do Infante, procure extrair destas Comemorações o essencial de tal exemplo, adaptando-o às realidades do nosso tempo, ganhando acção, vencendo a apatia que algumas vezes o tem prostrado.

Sacudir a memória dos povos, recordando-lhes as lutas em que se engrandeceram, mostrando-lhes o que foram, é bom para recriar energias que evitem grandes paragens nos caminhos do futuro.

A Empresa dos Descobrimientos Marítimos dos Portugueses está na consciência universal; está nas realidades históricas, geográficas e económicas que documentam a expansão de Portugal no Mundo; está em muitos e grandes livros de cronistas e investigadores, mas bastaria estar num só, «Os Lusíadas», para poder atingir a gloriosa eternidade.

Obras destas e os grandes homens que as sonham e realizam não podem ser esquecidos! Todavia, houve longos períodos de abastecimento no nosso País em que tudo se passava como se o esquecimento envolvesse tão

grandes homens e os seus feitos:

O Infante e os seus colaboradores só eram vagamente lembrados; Sagres, Lagos e outros lugares históricos estavam abandonados; a própria Guiné, que tantos sacrifícios custará para ser descoberta e conquistada, estacionou durante séculos, como terra indesejada e palustre, e só se ergueu, progressivamente, há umas dezenas de anos; a Índia, que deve ter estado nos sonhos e nos projectos do Infante, pouco mais de um século decorrido sobre o faustoso esplendor de Goa, conheceu a decadência; Angola e Moçambique, onde tantos portugueses — soldados, missionários, colonos, deixaram suas vidas, apesar de seus vastos recursos, co-

nheceram a maior decadência, e só começaram a levantar-se através de patriótica reacção iniciada nos fins do século passado. Foi a República quem determinou a organização dum departamento especial para os negócios e assuntos do Ultramar, criando o Ministério das Colónias (hoje Ministério do Ultramar) e relundindo e actualizando a respectiva ligação.

Sem falarmos de que se perdeu, em alguns períodos muito se estacionou na obra de expansão, na sua valorização e progresso. Quaisquer que fossem as causas, em todo esse abandono havia esquecimento e falta de respeito pelo exemplo impulsionador e as-

(CONCLUI NA 9.ª PAGINA)



Entardecer na Rio de Faro

PARALELO HISTÓRICO

Entre VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

É A CIDADE SUIÇA DE NEUCHÂTEL



Um aspecto do carro «Portugal», que as senhoras Mouzinho de Albuquerque fizeram desfilar nas «Festas das Vindimas» de Neuchâtel e que obteve o primeiro prémio

A MANEIRA espontânea e amável como a Ex.^{ma}

Direcção do simpático jornal da nossa província — Notícias do Algarve — solicitou a minha modesta colaboração para o número especial, comemorativo do seu oitavo aniversário, veio quebrar um pouco o meu adormecimento jornalístico.

Tenho escrito razoavelmente sobre o nosso Algarve, debatendo por vezes problemas que julgo de grande interesse para o nosso torrão natal. Alguns desses artigos atingiram já o alvo das realizações, o que sobremaneira me alegra; outros, infelizmente, continuam a aguardar a boa vontade de todos aqueles que muito podem fazer. Desta vez, porém, ao propor-me escrever, insisti em procurar um tema diferente.

Represento em Portugal uma das mais importantes organizações relojoeiras suíças — a Fábrica ERNEST BOREL — estabelecida em Neuchâtel. Conheço a história desta bela cidade através de livros que me tem oferecido o seu ilustre Director, Sr. Jean-Louis Borel, e, também, porque sou tradutor para português da revista Rendez-Vous, órgão da firma Er-

nest Borel & Cie., firmou-se no meu espírito uma comparação notável entre a nossa Vila Real de Santo António e a cidade de Neuchâtel.

Passo pois a descrever com a devida vênia o meu raciocínio, e, oxalá, que o juízo formulado e a argumentação exposta, tenham pelo menos o privilégio da curiosidade.

«Sendo a montanha e o mar as duas maiores belezas e as duas maiores forças da Natureza, ocorre-me trazer a uma comemoração festiva do nosso Algarve — país do mar — uma evocação da montanha. Para essa evocação sirvo-me da cidade suíça de Neuchâtel e não sem motivo.

Os Vilarealenses talvez não saibam que o espírito do Marquês de Pombal, a quem a sua cidade deve a vida, e que lh'a deu com muito amor — fazendo-a surgir, quase milagrosamente, no deserto que ia desde Monte Gordo até Castro Marim, princesinha encantada guardando a entrada do Guadiana, — presidiu também se não ao nascimento de Neuchâtel — *Regalissima Sédes* desde 1011 — pelo menos à sua urbanização, visto que a parte mais

moderna da cidade tem qualquer coisa desse belo traçado de 1755, de que infelizmente Lisboa se vem afastando e cuja elegância sóbria de linhas, ainda coisa alguma de posterior conseguiu igualar.

Se Vila Real de Santo António deve tudo ao Marquês de Pombal, Neuchâtel deve igualmente bastante ao grande estadista. David de Purry, que foi seu grande amigo e fez fortuna em Lisboa, legou-lhe quase toda essa riqueza e, tanto na praça que tem o seu nome, como na Câmara Municipal, ou no Palácio de Peyrou, se pode adinhar uma inspiração pombalina.

Os Vilarealenses talvez desconheçam que faz preci-

samente em 1960, dez anos, que o carro de propaganda portuguesa, que ilustra este artigo, levou às Festas das Vindimas de Neuchâtel — uma das mais esplendidas da

por Arnaldo Martins de Brito

Europa Central — um grupo de figuras representativas das nossas províncias e que o corridinho algarvio foi entoadado à sua passagem no magnífico cortejo florido.

Os Vilarealenses talvez não saibam que as Armas de Portugal, as mesmas armas que guiaram as caravelas do Infante D. Henrique, se encontram no escudo esquadrelado de Chalons e de Oran-

(Conclui na 9.ª página)



VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CASA DE PASTO
DE
GAVINO RODRIGUES

Serve Pequenos Almoços - ALMOÇOS - JANTARES - LANCHES - VARIADOS

REFRIGERANTES FRESCOS

Aberto até á 1 hora da noite

Rua Cândido dos Reis, 83-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NÃO quer este Jornal perder o seu carácter regionalista. Todos somos poucos para defender os interesses desta querida província que é o Algarve e que tantas vezes parece que anda arredada da memória dos homens da governação superior. Mas se nos batemos por esses interesses isso não implica que ponhamos outras directrizes de parte.

Muito as estimamos também e, entre elas, e principalmente, a que se comporta sob o signo de educação.

Limitam muitos a educação à civildade e, se esta é uma faceta daquela, isso está muito longe de bastar.

Um fruto de pele colorida, apetitosa, não nos garante que

UM CAMINHO PARA TODOS

a sua polpa não esteja bichosa, putrefacta.

Vamos hoje focar um ponto e sempre que podemos o fazemos.

É a prática do bem, que é uma dispensa de solidariedade àqueles que dela precisam. Não são só os ricos que podem auxiliar nem são só os pobres que de auxílio carecem.

Pergunta-se muitas vezes a qualquer pessoa se pode praticar o bem e ela escusa-se, desculpa-se, com a alegação de que não porque é pobre. O pão, o dinheiro ou a roupa nem sempre é do que o homem mais precisa. Uma palavra de carinho, de

consolo ou um bom conselho valem muitas vezes mais, se não é sempre, que uma quantia avultada.

O homem que se prende ao dinheiro é um escravo que se agrilha à subordinação. Não se espiritualiza, materializa-se.

Limitam-se, não tem grandeza nem projecção. Auxiliar é um dever imperativo e indeclinável que impende sobre todos nós.

Deve todavia reparar-se como o auxílio é prestado. Há quem o faça com a arrogância ou a impertinência de quem atira uma bofetada. Na maneira de auxi-

liar deve haver humildade e até elegância.

Não é a dádiva mais vultuosa a que mais valor tem. Sempre a pequena moeda da pobre viúva tem mais peso no prato da balança. E os que se escondem na sua pobreza são os que mais precisam. É até eles que mais deve chegar, no seu esconderijo de amargura, os olhos dos que procuram ver onde a necessidade existe.

A Senhora Marquesa de Vale-Flor, ferida no seu coração amoroso de mãe pela morte de dois filhos em plena juventude, quis perpetuar-lhes a memória. Não procurou jazigos de pedras ricas e formosas, mas frias; instituiu um capital com cujo rendimento são anualmente galardeadas duas crianças ou adolescentes que hajam praticado uma acção de coragem e sacrifício.

Difícilmente poderia achar maneira mais bela de atingir o fim que pretendia enquanto ao mesmo tempo faz realçar exemplos que são genuínas lições de grandeza moral e que todos nós deveríamos aprender embora dadas por nossos filhos ou netos.

Têm-se criado instituições de bem-fazer que pretendem acudir a necessidades instantes e dolorosas: valorização dos cegos pela aprendizagem de um ofício que os torne activos e válidos; recuperação dos mudos dando-lhes uma linguagem que os ponha em contacto com o mundo que os circunda; cuidar dos fracos de espírito, de todos talvez os mais inábeis e infelizes, evitando-lhes as brutalidades de uma sociedade egoísta que os não compreende e repele; consolar os presos, mais encarcerados no fundo do seu desespero do que nos negrimes da sua cela; etc. etc.

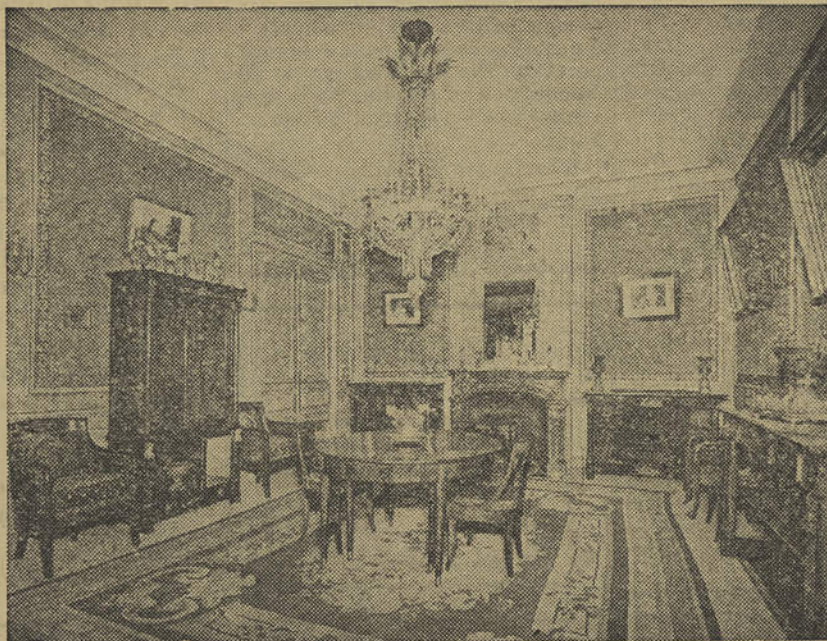
Entretanto cada um por si deve fazer o que puder e se não chega até onde para ir é preciso grandes recursos, abra o seu coração a todos os que de um coração precisam para nele se obrigar e com as suas consolações dulcificar as suas dores amoríssimas.

Não devemos ficar inactivos e, neste campo, muito menos do que em qualquer outro. Somos fracos nos nossos recursos? A violeta é modesta, esconde-se, mas embalsama o ar que a circunda com o seu perfume; a abelha é frágil mas atenta na sua operosidade e na doçura do seu trabalho; o castor, pequeno roedor, com a sua pertinaz engenharia faz desviar os cursos de água; quem se baixa por um bago de trigo?, e todavia é ele quem mata a fome ao homem, da pequena semente caída muitas vezes em terreno sáfaro, sai a árvore frondosa que esbraceja e desafia as tempestades.

Tantos exemplos de humildade e fragilidade que nos obrem caminhos de ampla e luminosa projecção.

MÓVEIS Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO
PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO
EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS
VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76 - A
LISBOA TELEF. 51695

A propósito de Teixeira Gomes ALGARVE

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA

varridas da sua obra as dúvidas de natureza ética e os problemas religiosos, sociais e políticos. O seu espírito era aproblemático, e era-o tão natural e resolutamente que não sei de outro escritor português que o fosse a tal ponto. Este um dos seus encantos-e, outros sim, para alguns leitores, possivelmente, um dos seus senões... Hoje, de facto, até o homem da rua é problemático. Talvez por isso, muito filosoficamente, dizia certo louco a que alude Manuel Laranjeira no *Diário Intimo*: «O homem, Excelência é um animal muito imoral e muito triste».

Aliás, o esteticismo de Teixeira Gomes era digamos inato e projectava-se mesmo nos aspectos corporais e nas cousas mais vulgares da vida corrente. Nas *Cartas sem moral nenhuma*, diz: «Mau grado a Inquisição e as hienas da «Junta Teológica» os moiros conservaram ainda algum tempo o uso da sua língua, dos seus trajes e das suas práticas higiénicas entre as quais, à porcalheira católica escandalizada, o banho é que mais intolerável se fazia. «E, mais adiante, fala com horror do «mal cheiroso frade» que lhe servira de guia na igreja de San Juan de los Reys e que, «na sua percuciente ressumbrância fétida, era ainda assim modesto espécimen em comparação às esterqueiras nadantes que formam habitualmente a espiritual milícia monástica».

A este esteticismo, a este aproblemático liga-se naturalmente o seu humorismo, um humorismo que é puro gozo, mera fruição. Teixeira Gomes é um escritor essencialmente antídramático («aten-te-se, v. g., em *Sabina Frelre* e veja-se como o drama é aí simples e diáfana vestimenta da farsa), não emocional (no sentido romântico do termo) e a sua ironia não é máscara nem forma de evasão, mas autêntica festa. E ainda a respeito do Santo Ofício e no referendo livro *Cartas sem moral nenhuma* que no transcórre de umas afinetadas anticlericais, se me depara raríssima passagem onde, embora algo teatralmente transluz certa indignação: «Falo sério. Eu acredito nos malefícios da sinistra, seiva irmandade. A Santa Inquisição! que outro nome houve nunca, assim prehadíssimo de ameaças, de iniquidades e de vilezas»...

Por fim, obsidiante erotismo (o seu maior desejo, confessou-o a Castelo Branco Chaves, era escrever um livro «onde a sensualidade atingisse os extremos limites, sem ser obsceno»), servido por agudo sentido visual e prodigiosa retentiva (escreve em *Regressos* que era completa a sua felicidade «apenas soltava da memória os espectáculos e quadros que ela ciosamente arquivava» e que «brincava com as imagens

visuais como os filósofos... jogam com as ideias abstratas»); o seu ardente sensualismo e vivo sentido plástico, repito, acabam de imprimir à sua obra originalíssimo cunho quase pagão e a salpicam de páginas rutilante coloridas, cuja leitura proporciona um regalo por assim dizer físico.

A obra do exilado de Bougie, em resumo e à guisa de conclusão, carece de calor humano (com ressalva, até certo ponto, de algumas páginas de *Londres Mara vilhosa*) e de lastro religioso e moral; mas, como pura expressão de arte (e foi isso, apenas isso, e que o seu autor quis ela fosse) é das mais bem logradas manifestações estéticas que conheço. De salientar ainda que os temas de sabor regional (discretamente aproveitados, de resto) e a cor local, esparsa a mancheias por tantíssimas páginas, não descambam nunca em provincialismo canhestro. Teixeira Gomes é um escritor enamorado da terra onde nasceu, mas soube vaziar a sua sensibilidade em moldes com a marca do perene. Como ninguém, intemporalizou páginas plenas, aliás, de intenso cunho local, cheias do gárrulo colorido, da esplendorosa luminosidade do seu querido Algarve.

Não terminarei sem apontar a lição de coerência e de elegância moral, de verticalidade que nos deu esse céptico avisado e fino epicurista, esse convicto incrêdo que se chamou Manuel Teixeira Gomes. Dificilmente se topará obra tão igualzinha a si mesma como a do outor de *Agosto Azul*. Os livros derradeiros, como *Novelas Eróticas*, *Marta Adelalde* e *Carnaval Literário* (embora, em parte, simples arranjos de produções mais antigas), têm a frescura, a despreocupação, a leveza fácil das obras da juventude. Longe da Pátria e dos seus, velho e meio cego, Teixeira Gomes, mostrando o que de enganoso se ocultava no seu aparente sibirismo, triunfa da ruína física e tem artes de permanecer helênicamente moço. Não teme a morte, não se retracta nem converte, não mutila estupidamente os seus livros nem cai no academismo dessorado ou no conformismo acácia no. Admirável!

Como homem, acrescentarei, em nada desmereceu da coerência que pôs na sua obra literária. Baste por agora lembrar com que firmeza e dignidade repeliu, certa vez, insolente ameaça por Gomes da Costa proferida numa cerimónia oficial (vem o facto relatado em *O Exilado de Bougie*, de Norberto Lopes).

* * *

Teixeira Gomes viajou muito e muito inteligentemente, e, no seu convívio com outras gentes, encontrou inexaurível manancial de ensinamentos e emoções estéticas. Lê-se a este respeito, na *Misce-*

lânea: «Eu nunca viajei depressa, e a invenção e uso dos automóveis, dos aeroplanos, dos cinematógrafos, dos telefones, da T. S. F., etc., em nada alteraram a minha antiga velocidade de marcha. De automóvel pode-se passar mil vezes pelo mesmo caminho, sem ver metade do que nos mostra um único passeio a pé. Resulta que em muitos casos o automóvel é mais lento que o transporte no clássico burro das romarias. Parar numa cidade a ver, e demorar o suficiente para ver melhor, para a ver bem, é a regra racional das viagens». Um grande faustoso monumento, que se ergue ao longe, na magnificência do seu conjunto, vale bem a pena que dele nos aproximemos pouco a pouco, e os belíssimos detalhes que descobrimos, sempre compensam de sobejo alguns defeitos, ou faltas, que apareçam à mistura». E, páginas, adiante, referindo-se ao Louvre, observa: «Há mais de um mês que eu lá vou passar as manhãs (cinco vezes por semana) e sempre com a mesma curiosidade desperta, e sem um só momento de fadiga, fastio, ou sociedade».

Ponham aqui os olhos hodiernos turistas possessos do frenesi das velocidades e da mania dos números, e acreditem: uma pequena viagem à Andaluzia ou à Provença, feita ao retardador como recomendava Teixeira Gomes, vale mais cultura e esteticamente e é menos cansativa, mais deleitosa portanto, do que uma volta ao mundo contra relógio. Mais proveitosa, mais aprazível e mais... barata.

A adoração de Teixeira Gomes era a Grécia e à Grécia se refere

(CONCLUÍ NA 33.ª PAGINA)

TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas que V. Ex.ª deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CASA NASCIMENTO

DE ► ADRIÃO JOÃO DO NASCIMENTO

LOUÇAS, VIDROS, PLÁSTICOS E DROGAS

Agente da Tinta DIRUP

R. de Aveiro, 25 ► Vila Real de S. António

JARDIM DAS HESPÉRIDES

(CONCLUSÃO DA 7.ª PAGINA)

tado e tantos pintores teem pintado.

Da minha apressada correria de dois dias, pelas suas praias afortunadas, restam-me algumas impressões risonhas, farrapos de paisagem mimosa, alagadas de sol, alagadas de azul, de infinitos e luminosos horizontes onde a alma se perde como um navio no mar.

Nem sempre a paisagem é só um estado d'alma.

Há também paisagem que criam estados d'alma. A paisagem algarvia não carece do prestígio secular das suas mouras encantadas, das suas amendoieiras floridas, das suas lendas de mil e uma noites, para exercer em nós uma amorosa e doce tirania.

As ondas de cor e de perfume que se soltam da sua terra vermelha, das suas ribas doiradas, dos seus pomares viçosos, do seu oceano de maravilha, são como estrofes dum imenso cântico de louvor à Vida e à alegria de viver. E é com um enternecimento mais profundo que só então compreendemos o amor pagão, o amor-loucura, o amor-mania de todos os bons algarvios pela sua doce, florida, perfumada e luminosa terra algarvia.

Carlos Selvagem

Durante as filmagens DE "A MILIONÁRIA"

SOFIA LOREN FOI ROUBADA!

EM Elstree (Inglaterra) deu-se o maior roubo registado até hoje nos anais da justiça inglesa: 14.800 contos em jóias. Vítima: a famosíssima Sofia Loren que permanece naquela cidade para filmar os exteriores da película «A Milionária».

Quando soube da notícia, Sofia chorou copiosamente, lamentando a sua pouca sorte e, através da Televisão solicitou, ao autor do roubo, que lhe devolvesse as jóias a troco de avultada recompensa. Entre as jóias figura um precioso colar de safiras avaliado em 1.160 contos.

A Scotland Yard, de posse de vários elementos e das próprias impressões digitais deixadas pelos assaltantes, iniciou uma série de investigações.

Entretanto registamos o paradoxo de a formosa «estrela» estar a filmar uma película onde interpreta o papel duma milionária que despreza as jóias que formam fabulosas colecções.

Em casa de ferreiro...

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.



CHEVALIER serve, amavelmente, no «Olympia», de Paris, a encantadora Sofia Loren, ante a admiração da fulgurante «estrela» italiana. Aqui ainda se não sabia do espectacular roubo das jóias



Logo após a notícia do roubo das jóias, Sofia, a despeito da opinião pública, chorou amargamente. Grita ela, através da Televisão: «Senhor Ladrão: devolva-me as minhas jóias. Eu recompensá-lo-ei». Mas as jóias é que não aparecem.

AUXILIO À POPULAÇÃO DO CHILE

A Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa em Faro, aceita donativos da generosa população do Algarve para auxiliar a Cruz Vermelha Chilena na assistência aos sinistrados da pavorosa e impressionante emergência que atingiu o povo do Chile; vítimas dos abalos de terra que aquele país sofreu há poucos dias.

Os donativos são aceites somente em dinheiro, porque os recursos materiais podem ser mais rapidamente adquiridos nas regiões próximas do Chile.



VILARREALENSES:

Se quereis engrandecer o clube da vossa terra, inscrevei-vos para sócio do

LUSITANO FUTEBOL CLUBE

QUANDO se inventou a fotografia logo ela se encontrou entre as descobertas científicas mais sensacionais para a humanidade e olhando o caminho percorrido desde a época em que o eminente Arago apresentou o primeiro Daguerreotipo, à Assembleia da Academia das Ciências da França, absolutamente estupefacta, temos a obrigação de continuar aguardando dela, no futuro, conquistas sempre cada vez mais maravilhosas.

Todos nós devemos o reconhecimento eterno visto a fotografia conservar num simples pedaço de papel a imagem dos nossos entes queridos, aproximando as distâncias, trazendo até nós o ausente, assim como nos permite percorrer os mesmos locais onde vivemos agradáveis momentos. É ainda por intermédio dela, quando perdemos uma imagem amiga gravada na nos-

NICÉPHORE NIÈPCE

E
A
FOTOGRAFIA

Por
ANTÓNIO PEREIRA BELLO

sa sensibilidade e da qual já mais poderemos encontrar o seu olhar, que a fotografia se torna para nós preciosa.

Desde a descoberta de Nièpce, podemos actualmente compreender a emoção que percorreu o mundo.

Ainda hoje, que a fotografia está teórica e cientificamente explicada, não podemos deixar de nos maravilhar com a revelação de um cliché. O assombro invade-nos quando assistimos ao simples efeito dum reagente sobre uma chapa sensibilizada, a qual aparentemente virgem, nos dá, pouco a pouco, a imagem

desejada, apresentando todos os detalhes quantas vezes gravados fujidamente na nossa memória.

Nicéphore Nièpce, nascido em 1765, fazia parte do 42 regimento de infantaria, como tenente, mas depois das campanhas da Sardenha e da Itália a sua saúde ficou bastante delibitada.

Viu-se assim obrigado a abandonar a carreira militar, regressando à sua terra natal em Châlon-Sur-Saône, consagrando-se, exclusivamente, aos estudos científicos.

Em 1813, procurava aperfeiçoar a litografia e teve a ideia de substituir o tra-

balho manual, fazendo desenhos a imagem sobre a pedra por intermédio da luz.

Apoiando a sua ideia, sobre descobertas várias da física, ele serve-se da câmara escura para produzir a imagem que recolheu num écran embebido em substâncias impressionáveis à luz.

Os seus conhecimentos sobre química e as pesquisas que efectua levam-no a empregar produtos até aí nunca utilizados e então descobre que o betume de Judeia dissolvido na essência de alfazema se torna insolúvel sob a acção da luz.

Cobrindo com este produto uma placa prateada ele a expõe durante várias horas na câmara escura e a imagem aparece sob a acção dum dissolvente composto de petróleo e essência de alfazema, o qual faz desaparecer o betume em todos os sítios onde a luz não teve influência.

Estes ensaios só lhe deram, porém, resultados bastantes incompletos. Ele foi obrigado a tudo imaginar e teve necessidade de tudo criar.

O espírito inventivo de Nièpce, sugeriu-lhe para os instrumentos de que se servia tais aperfeiçoamentos que ainda hoje eles são a base de todos os nossos maravilhosos aparelhos actuais.

Assim nenhuma dificuldade existe perante a sua perseverança e em 1824, ele consegue reproduzir o retrato do Cardeal Amboise.

Inventa dois processos: um a heliogravura permitindo-lhe tirar várias provas para a imprensa e outra, em que servindo-se dum placa de metal polida, quasi nos deu o Daguerreotipo.

Os seus primeiros ensaios, resultaram mais tarde em progressos espanto-

(Conclui na página seguinte)

O NOSSO ANIVERSÁRIO

Para minha esposa, com os meus votos de sincera felicidade para todos os lares do mundo inteiro.

Já que o destino assim quis,
Já que Deus nos quis unir,
Que este dia tão feliz
Abençõe os que hão-de vir!

Sem este dom, minha amada,
Nossa vida, amada minha,
Será rosa desfolhada
Caída da roseirinha!

Pois só com a esp'rança unida
Ao amor, o nosso lar,
Belo como a própria vida,
Nos ensinará a amar!...

Por isso, que Deus proteja
O nosso abençoado ninho,
Pra que a fel'cidade esteja
Sempre no nosso caminho!

Faro, 22 Maio de 1960

Que Deus nos dê a ventura,
Se é que acaso a merecemos!,
De afastar a desventura
Da alegria que hoje temos:

— Muito embora pobrezinhos,
Que a nossa vida futura
Bem nos una, até velhinhos,
E pr'além da sepultura...

...que por Deus, pr'além da morte,
Minha santa companheira,
Cruzemos o mesmo norte,
Sempre na mesma cegueira!

Estes são os meus desejos,
Minha estremosa Maria,
Na fé de que os nossos beijos
Hão-de florir dia-a-dia!...

J. Santos Stockler

NICÉPHORE NIÉPCE E A FOTOGRAFIA

(Conclusão da pág. anterior)

...realizados por diversos cientistas.

Nos seus estudos, ele descobriu, sem, no entanto, poder ainda utilizá-la, a imagem negativa que viria a dar as tiragens ilimitadas, do mesmo cliché.

Nicéphore Niépce, é pois incontestável o verdadeiro inventor da fotografia, pois foi o primeiro a realizar o projecto de copiar os aspectos da natureza com a ajuda da câmara escura, bem como o invento dos produtos sensíveis à luz.

Não teve, porém, o prazer de se rejubilar com a concretização da sua descoberta sensacional, em virtude do seu falecimento prematuro, sendo um outro cientista a aproveitar a glória do seu génio, que legitimamente lhe pertencia.

Temos de nos render sempre, nós fotógrafos da actualidade a Nicéphore Niépce, que nos permite hoje como ontem, conservar na nossa carteira as imagens dos entes queridos, que nos avivam assim uma recordação, um momento feliz, uma saudade.

NOTAS BIOGRÁFICAS DE ANTÓNIO PEREIRA BELLO

Em 1932, nas termas do Gerez, iniciou o gosto pela

CAUTELA

Não deixeis ir os vossos filhos aos ninhos. Além de ser uma maldade destruir os berços das pobres aves é um perigo grave também.

Lá vinha a notícia: um menino viu um ninho num poste de alta tensão. Não resistiu há tentação e subiu; tocou nos fios, sofreu um forte choque e caiu inanimado no chão.

Evitai quanto puderdes a repetição destes actos.

fotografia, secundado, nos seus primeiros passos por seu pai.

As suas fotografias preferidas são as da natureza e o estudo das sombras.

Trabalhou com os primeiros filmes a cores introduzidos em Portugal, da marca Dufaycolor há 25 anos na Ilha da Madeira, realizando assim, graças ao progresso da fotografia, o grande sonho do seu bisavô, João Francisco Camacho, a fotografia a cores.

João Francisco Camacho, natural da Ilha da Madeira, era um fotógrafo extraordinário no seu tempo. Foi em Portugal, um dos pioneiros da fotografia, deslocando-se a Paris, para aperfeiçoar os seus conhecimentos da arte nascente, esse raio luminoso, que se transforma numa imagem inapagável.

Na Ilha da Madeira, João Francisco Camacho desenvolveu a sua técnica ao serviço da arte. Posteriormente transfere-se para Lisboa, já precedido de grande fama

de retratista, conquistando através da sua lhanza e fino trato a honra de fotógrafo da Casa Real.

Ele introduz em Portugal, a primeira máquina instantânea, dando assim um passo em frente na arte de Daguerre.

Morre repentinamente em glória, e no estudo que um dia se fará sobre a evolução fotográfica em Portugal, ele já mais será esquecido, pois ainda hoje é lembrado com saudade por uns e admirado tècnicamente por muitos.

António Pereira Bello, tendo por objectivo igualar Camacho, o Mestre, aperfeiçoou os seus conhecimentos da arte fotográfica com o grande fotógrafo Joseph Lazarus, de quem amigo pessoal, criando-lhe assim as possibilidades que actualmente disfruta, colaborando com as suas fotografias, em diversos jornais, livros e revistas tanto nacionais como estrangeiras.

Tem concorrido a diversas exposições nacionais e es-

trangeiras nomeadamente no Luxemburgo, Bélgica e Jugoslávia, possuindo diversos diplomas de honra, taças e menções honrosas.

Dedica-se também a trabalhos de reproduções tendo já um vasto arquivo, de vultos nacionais e estrangeiros, gravuras históricas principalmente alusivas aos descobrimentos.

Nestes últimos anos tem trabalhado em fotografia documental e turística.

Há poucos meses realizou a grande Exposição Evocativa em quatro gerações de João Francisco Camacho, apresentando um total de 1.500 fotos, máquinas, acessórios, chapas, recordações do Mestre e peças de carácter histórico, produto do seu paciente trabalho de compilação durante vinte anos, a qual vai em breve repetir na cidade do Porto.

O MAR VEIO BEIJAR A TERRA E ASSIM NASCEU PORTUGAL!

por Manuel de Sousa

O mar teve um dia um sonho
Em manhã ridente e bela,
E viu linda caravela
Sob a luz dum céu risonho!
Era feita só de flores
E de oiro as suas cruces!
— Meu Deus, que dourado sonho! —
Quis o mar, preso de amores...
Saber, todo encantado,
Do barco de mil fulgores,
Se viria ao seu noivado!
E o mar, em doce esperança,
Na sua eterna aliança,
Abraçando em sonho o mundo
O seu meigo olhar descerra,
Oh! e num anseio profundo,
«O mar veio beijar a terra! ..

* * *

E foi um beijo afagando
A terra amada e querida,
De beleza enriquecida,
Sim, que o mar — sempre sonhan-
[do... —

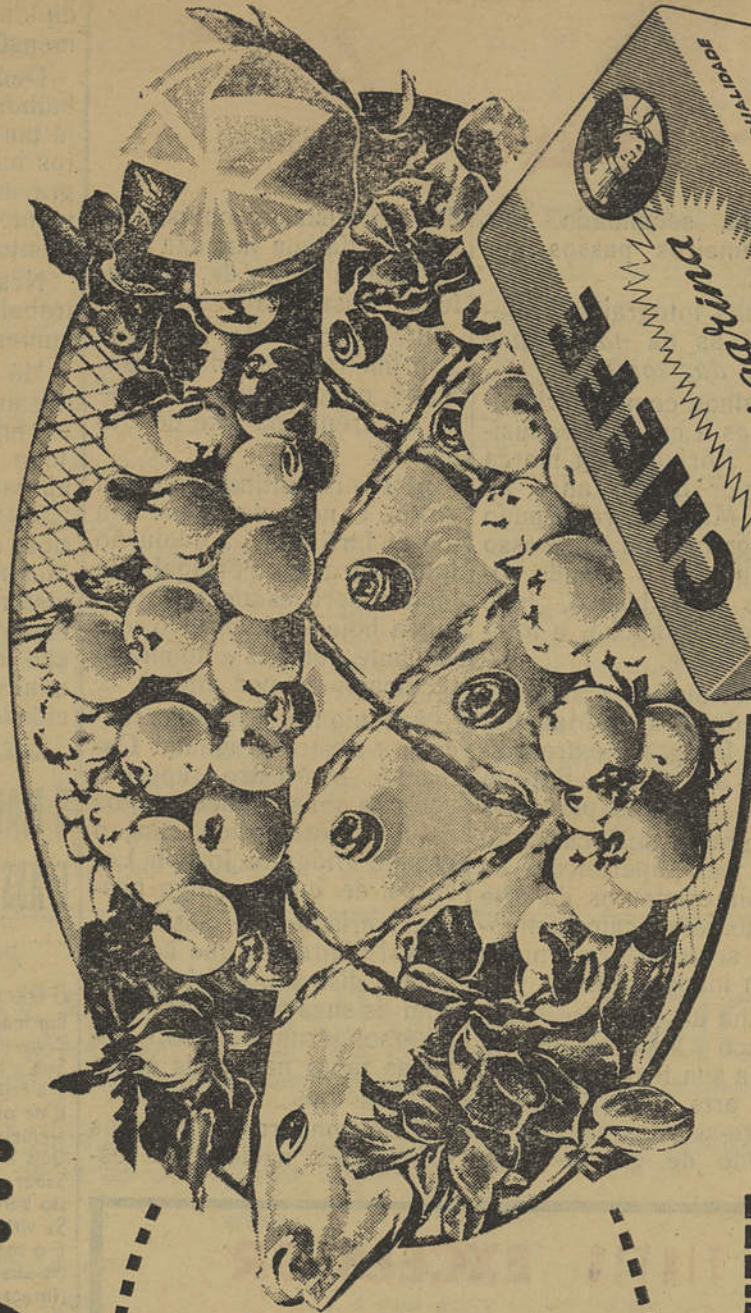
Viu a «Terra Prometida»:
Um jardim a deslunbrar,
Um paraíso de flores!
De poetas a cantar;
Heróis e navegadores,
Lusa-Terra de Camões!
De saudades e canções,
Oh, toda ela um amor
De amendoeiras em flor,
Noivas que são um tesouro!
... E sempre sonhando o mar...
Foi beijando vales e montes
Encantado no luar,
E nas suas frescas fontes
Dessa Terra abençoada!
E ao sol da luz doirada
Desse País sem rival,
Nele se uniu, e o beijou!
«E assim nasceu Portugal! ...»

TINTAS EXCELSIOR

NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

NOVA... inteiramente NOVA!



NOVA...
porque é mais saudável

NOVA...
porque é ainda mais saborosa

NOVA...
porque é inteiramente vegetal

NOVA...
porque é leve para o seu estômago

Cozinhe com a **NOVA Margarina CHEFE**
...todos louvarão os seus pitéus!

Margarina **CHEFE**

uma gordura vegetal



O MEU SERÃO...

SILVA NETO

CARTA DE AMOR

... Só queria que estivesse ao pé de mim. Não é por estes longes que me sinto tão concentrada, tão calma, tão tranquila, não. Percebo agora que estou liberta do sol e do vento, como uma árvore cujas folhas tivessem caído...

Eu sei que esta saudade que ainda espera, não é saudade: é lembrança. Saudade não é assim;

saudade só é saudade quando não tem esperança, e eu tenho-a, amor meu.

Saudade indefinida, nem sei de quê. Um vazio dentro de mim. Sensação de fome. Tortura de ausências. Falta de carinho — de umas mãos dentro das minhas, um peito amigo onde eu descansasse a cabeça, o próprio pensamento: de uns olhos que recebessem a

luz que se perde nos meus. Saudade de qualquer coisa imprecisa. Falta de amor, de carinho. De alguém ao meu lado, que beijasse minhas pálpebras cansadas e me acalentasse o sonho. Ausência de carinho... Saudade.

Ah, estou como o poeta moribundo que sobre o banco do jardim, junto às árvores tortas, sofria o outono da alma, e se confundia com o ranger enervante e bom das folhas já mortas este seu murmúrio que o vento sibilante afastava para longe: «Esta palavra saudade, aquele que a inventou, a primeira vez que a disse, com certeza que chorou...»

(Dum diário esquecido)

NASCEU EM JUNHO?

ENTÃO LEIA:

APROVEITE este período favorável para estabelecer em bases sólidas os seus projectos profissionais. As suas aspirações, no capítulo material, estão em vias de realização, tendo bastantes probabilidades de alcançar bons ganhos; desconfie, no entanto, nas promessas demasiado prometedoras que lhe façam. Período propício para os desportos e para tudo que exija audácia, entusiasmo. No domínio afectivo será preferível não tomar por enquanto novas iniciativas.

DIZ VITOR HUGO

DAS MULHERES...

— Deus fez para o homem um trono; para a mulher um altar.

O trono exalta; o altar santifica.

— O homem é forte pela razão; a mulher invencível pelas lágrimas.

A razão convence, as lágrimas comovem.

— O homem é o templo; a mulher o sacrário. Ante o templo nos descobrimos, ante o sacrário nos ajoelhamos.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



Um modelo parisiense a que o costureiro J. Charles chamou «Tentador». É de facto é mesmo tentador. Não lhe parece, leitora?

PENSAMENTOS

DE UMA NOITE PRIMAVERIL

AO acordar de um sonho doce, o ideal seria voltar a adormecer para continuar esse sonho. Mas é em vão que nos esforçamos por recuperar os vagos traços desse sonho, como as pregas da saia duma mulher amada que desaparece atrás de uma porta que jamais poderemos abrir.

Uma pessoa investe os seus elogios como se investisse dinheiro. O que é preciso é que os elogios rendam juros.

Ela era tão feia, tão feia, que ao fazer caretas era menos feia...

Porquê minha querida menina, vos obstinais de viver em Paris? Ao vê-la toda a gente repara que o vosso lugar é bem nos confins da província!

A Allais

CONSELHOS PARA SI

LEITORA

— O suco de um punhado de espinafres, misturado com igual quantidade de suco de salsa e

(Conclui na 11.ª página)



Um fato de banho original tipo exótico que a leitora poderia adoptar para o Verão que se aproxima. O pior, claro, se nos permite, é o falatório das suas amigas. Mas, enfim, a crítica é livre...

TENDO em conta todas as proporções — espaço territorial, densidade populacional e, porventura, outros condicionamentos de ordem económica — Portugal deve ser hoje o país da Europa onde se tem construído maior número de hotéis. Nos últimos cinco anos construíram-se e beneficiaram-se 58 unidades hoteleiras, o que corresponde a cerca de 2.540 instalações à disposição dos turistas. Estão em construção cinco novas pousadas. Intensificam-se e conjugam-se as providências legais tendentes a facilitar a vinda de estrangeiros a

tensivas a todo o território nacional.

Há, em primeiro lugar, ainda na Europa, mas ao largo do continente, que repõe a Ilha da Madeira, ao nível de importância turística que lhe é devido: a Madeira foi, durante anos e anos, o único verdadeiro cartaz turístico de Portugal — não será justo que se resigne a abdicar, a envelhecer, a reformar-se, a ser atingida pelo limite da idade, como qualquer prestimoso funcionário público. Há que empreender, quanto ao maravilhoso arquipélago açoreano, todos os esforços necessários

TURISMO D'AQUÉM E D'ALÉM MAR

este país do extremo sudoeste europeu, que é dos mais afastados das grandes e naturais vias de comunicação intereuropeias e que, por isso mesmo, foi, durante muito tempo, esquecido nos itinerários, das agências e viagens.

Todo este esforço tem uma razão de ser e desde já se encontra não só explicado como também compensado: é que a entrada de

POR

ANTÓNIO MARIA ZORRO

Portugal no quadro dos países turísticos pode considerar-se, finalmente, uma realidade — e uma realidade em marcha. Nestes quatro primeiros meses de 1960, numa época do ano que é, em toda a parte, a de menor movimento turístico, a afluência de visitantes estrangeiros regista o aumento de vinte e cinco por cento em relação a 1959. Não se pode, na verdade, exigir progressão mais rápida.

São estas as linhas gerais da entrevista concedida ao jornalista Thomas Curran, da United Press, pelo Secretário Nacional da Informação e que constituiu, para muita gente, autêntica surpresa. Embora cada vez se vejam mais estrangeiros nas ruas de Lisboa ou nas estradas da Província, embora se torne cada vez mais frequente a inauguração de bons hotéis, de hotéis verdadeiramente dignos desse nome, não se esperava que a linguagem dos números fosse tão eloquente.

Deve acrescentar-se que o Secretário Nacional da Informação foi entrevistado, apenas, quanto ao turismo metropolitano. Ora Portugal não é só a Metrópole. Portugal não é só na Europa. Portugal é, sobretudo, fora da Europa. E, se as perspectivas europeias do turismo português começam já a desenhar-se com firmeza, como acaba de o referir o dr. Moreira Baptista, não será demais antever próxima a hora de as mesmas perspectivas se tornarem ex-

para a sua revelação turística e o mesmo se dirá quanto a outro não menos maravilhoso arquipélago atlântico, embora bem diverso, que se chama Cabo Verde.

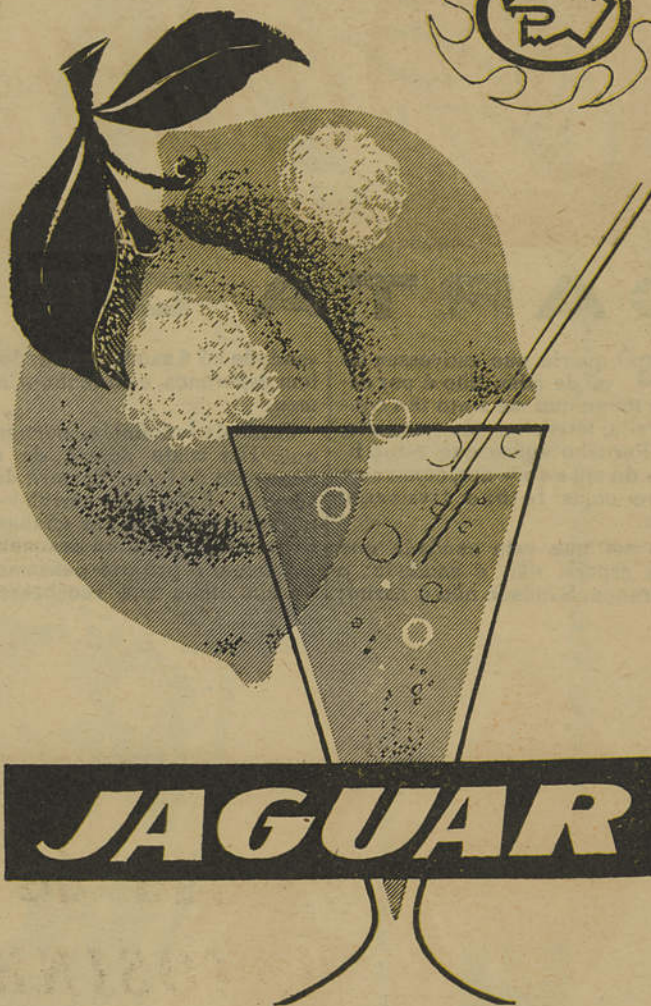
Para não ir mais longe, para não cair no campo das puras abstrações, haverá que ter presentes, como metas ideais de uma campanha turística verdadeiramente nacional, os recursos incomparáveis de Angola e de Moçambique, para onde tudo leva a crer que se desviem os passeantes internacionais curiosos de África e desejosos de encontrar, à face da Terra, qualquer coisa diferente. Agora mesmo está em Luanda «Kiron-gosi», — caçador dos mais afamados e sumidade em matéria de «safaris» africanos; pois o «Kiron-si» — que por sinal é brasileiro e se chama Jorge Alves de Lima — opina que, se as possibilidades do Quênia fossem semelhantes às do Sul de Angola, haveria no Quênia, sem dúvida, o dobro de organizações de «safaris». E «Kiron-gosi» disse mais — disse que lhe parecia absurdo haver ainda compatriotas seus que em matéria de cinegética, não dêem às reservas de Angola plena, incondicional preferência.

As declarações feitas pelo dr. Moreira Baptista ao jornalista americano atestam o surpreendente resultados obtidos em equipamento o desenvolvimento turístico do País até à presente data e em tempo «record»; as afirmações de «Kiron-gosi», registadas num jornal de Luanda, são como que uma antevisão da tarefa que o espera, para data futura mas próxima, os condutores do turismo português: — dar-lhe, como a tudo o que é português, o timbre inconfundível da extracontinentalidade e o longo roteiro das quatro partidas do mundo.

António Maria Zorro

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

GASOSA



JAGUAR

Pensão POLICARPO

INSTALADA NO

PALÁCIO DOS CONDES DA LOUSA

— FAMÍLIA DOS LENCASTRES —

PRÓXIMO DA BASÍLICA DA SÉ

CONFORTÁVEIS QUARTOS

com águas quentes e frias e alguns quartos com casa de Banho privativa

EXCELENTE SERVIÇO DE MESA

ÓPTIMAS INSTALAÇÕES

Bela esplanada onde se disfruta lindo panorama de ÉVORA e ARREDORES

Vários aperfeiçoamentos nas nossas instalações para bem servir o Ex.^{mo} Público

Entrada Principal desta esplêndida

Pensão pela

RUA CONDE DA SERRA, 7

Recolha privativa de automóveis

Rua do Conde da Serra

Rua da Freiria de Baixo, 16

TELEFONE 22424

ÉVORA



UM PINTOR DE TAVIRA MIGUEL GREGÓRIO PEREIRA vai em viagem de estudo

PELA EUROPA

das e sob a agradável impressão de música suave como se estivesse imaginando um quadro de Van Gogh.

Trocados os cumprimentos nasceu o diálogo:

- Onde nasceu?
- Em Tavira, no ano de 1931.
- Onde estudou?
- Estudei em Huelva, Espanha, para onde fui com 7 anos.

Encontrámos Manuel Gregório Pereira sonhando na ambiência morna de um café de Lisboa, entre o carambolar de grandes esferas de madeira nas calhas encera-

ENTREVISTA DE

Adérito Cabral

- Quando regressou?
- Quando tinha 20 anos, por causa da tropa.
- Quem foram os seus mestres?
- Tive vários entre eles Mateo Orduña Castellano, na Espanha, e pratiquei também nas Belas Artes, cá em Portugal.

(Conclui na página seguinte)

Cumprimentando O "NOTÍCIAS DO ALGARVE"

Sem ter «veia» de intellecto,
Nem de tal fazer alarde!
Quero cooperar no projecto
Do «Notícias do Algarve».

Vão para ti, as primícias
D'um voto de longevidade!...
Poís que nos causas delicias,
Pugnando pela verdade!

Estás então de parabéns...
Semanário cativante!...
Nos oito anos que tens,
Sauda-te um assinante.

Cristiano Viegas da Rosa

Visado pela Comissão de Censura

FÁBRICA LUSO-HOLANDESA DE REDES, Lda.

Estrada da Circunvalação
MATOSINHOS — Portugal

Esmerado fabrico de todos
os tipos de rede de pesca

A MAIS MODERNA E MELHOR APETRECHADA FÁBRICA NO GÉNERO

Sede em LISBOA-Rua do Alecrim, 17

Junta de Turismo da Praia de Quarteira

Recebe propostas até ao dia 5 de Julho próximo, para arrendamento da Esplanada-dancing assim como do Bar e do recinto anexo para bailes, durante a próxima época balnear.

A Junta reserva-se o direito de aceitar ou não qualquer proposta.

CAFÉ IMPÉRIO

- SALÃO DE BILHARES
- CERVEJA A COPO
- MARISCOS
- REFRIGERANTES

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Fogos de Artifício

Os mais vistosos fogos para queimar na mão, em salas, janelas e jardins, de grandioso efeito e inofensivos para festejos populares, verbenas, festivais nocturnos, etc.

Aerostatos, Balões Venezianos, Bandeiras e Grinaldas para Ornamentações — Foguetes e todos os fogos de artifício próprios para todas as festas e arraiais, verbenas, recepções, etc.

Catálogo grátis, com preços especiais para Revendedores. Dirijam pedidos à Casa Especializada nestes artigos:



ANTÓNIO TORRAO

Telefone 22504

COVILHÃ

VENDE-SE BARCO A MOTOR

DENOMINADO «SÃO VALÉRIO», com as seguintes características:

Comprimento de sinal, 14,21, Bôca, 4,12, Pontal, 1,32, Tonelagem bruta, 15,33, Motôr «SKANDIA» 60 H. P. M. Ano de reconstrução, 1958.

Tratar na:

Empresa de Pesca São Carlos

Rua Gil Eanes, 47

OLHÃO



ESTA mulher-pirata chama-se Belinda Lee: o leitor conhece-a. Sabe donde? Eu lhe conto: a inseparável companheira do príncipe Orsini que deu brado em todo o mundo — no mundo social que se preocupa com estas coisas.

Pois enquanto ela (a Belinda) se veste para as filmagens do filme «Marie des Isles», filmado totalmente na Martinica, o príncipe encantado diverte-se à grande com a tal dos olhos tristes: a princesa Soraya.

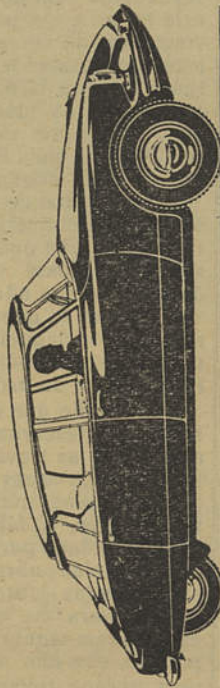
Últimamente esta encantadora «estrela» inglesa tem sido figura de destaque no «Café Society» de Roma, onde triunfa com o «trunfo» inesgotável da sua beleza exótica.

O MILAGRE DO HIDROPNEUMÁTICO



CITROËN

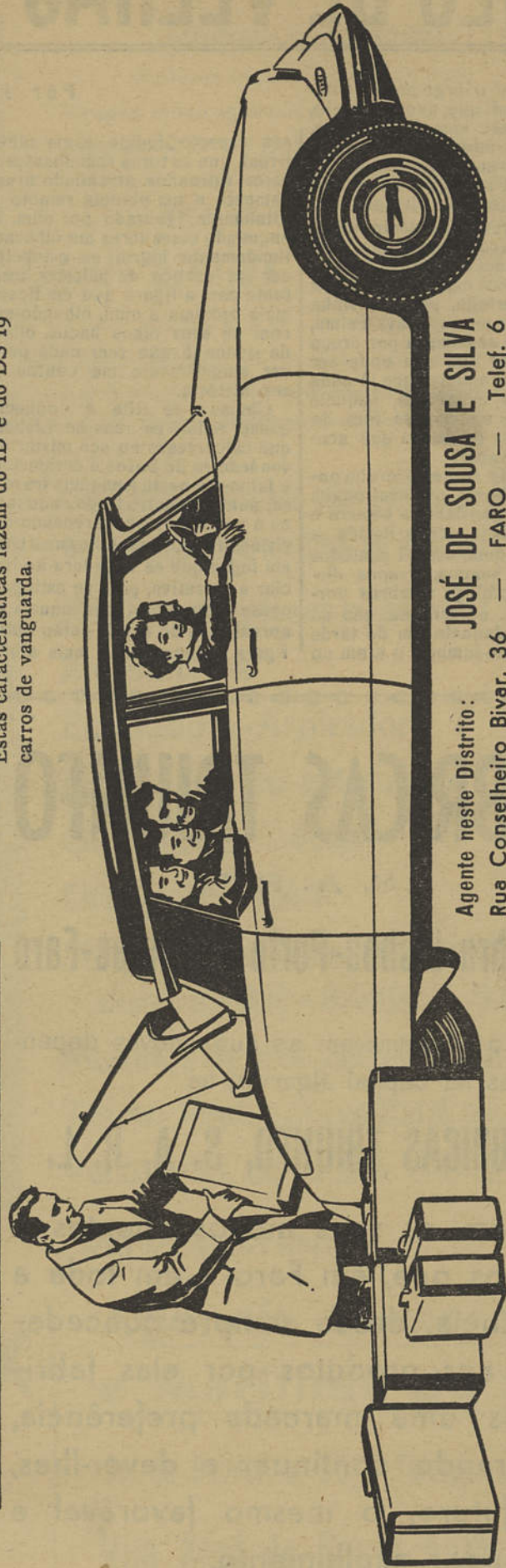
Quer viaje sòzinho.....



ou com amigos,

o hidropneumático mantém o ID ou o DS 19 a uma
ALTURA CONSTANTE
sempre rigorosamente horizontal e paralela ao solo.
**TRACÇÃO À FRENTE + HIDROPNEUMÁTICO =
ESTABILIDADE NA ESTRADA.**

Apreciará a eficácia dos travões de disco, o conforto
e a sobriedade das linhas da carroçaria.
Estas características fazem do ID e do DS 19
carros de vanguarda.



Agente neste Distrito: **JOSÉ DE SOUSA E SILVA**
Rua Conselheiro Bivar, 36 — FARO — Telef. 6

ASILO DE VELHAS SOMBRAS

UM DISCO VOADOR

APAVOROU UM ALFAIA-
TE ALGARVIO QUE QUASE
PERDEU A FALA

AO entrar o largo portão compreendi que, num momento, e quase sem dar por isso, trocára um mundo por outro, e era tão diferente este em que eu agora penetrava, que, de princípio, devo dizer, me chocou.

Uma impressão pungente, misto de tristeza e confrangimento, alia-se a uma sensação de paz como eu nunca experimentara. Era uma paz perfeita, paz que vinha do exterior e me inundava a alma, paz que não se compra por preço nenhum, mas que nos pode ser oferecida por aqueles que já nada esperam da existência, naquele mundo que eu deixára fora do largo portão gradeado que acabava de transpor.

Atravessei o modesto jardim onde uma palmeira acentral punha uma nota discordante e bizarra e entrei na larga cêrca florida e acolhedora onde avistei sentados em toscos bancos, grupos dispersos de pálidas sombras porque o eram, na verdade, não só contra luz daquele fim de tarde outonal, como também o eram no

Por JOCELYNE PINTO

seu aspecto fugido e um tanto irreal, que as torna semelhantes a seres estranhos, arrancado bruscamente a um planeta remoto e totalmente ignorado por mim. E enquanto esses seres me olhavam timidamente logrei eu estabelecer um esboço de palestra hesitante com a figura que me ficava mais próxima a qual, olhando-me com os seus olhos baços, olhos de quem já não tem nada para ver singelamente me contou a sua história.

Chamava-se Rita e conhecia quase todas as ruas de Lisboa, que calcurreára no seu mister de vendadeira de bolos e caramelos; e falou-me nesta e naquela travessa, num ou noutro largo enquanto eu a ouvia curiosa, parecendo-me vislumbrar nos seus olhos uma chama fugaz que se acendera ao iniciar a narrativa, para se extinguir quase logo, agora que aquela se aproximava do fim. E então outra figura se aproximou mais afoita

dizendo-me: É verdade, minha senhora. Quem diria? Tive marido e uma filha que me morreram há muito. Hoje não tenho ninguém. E depois, sabe, sofro tanto do estômago... À noite não posso senão beber água com açúcar.

E eu compreendi através daquela discrição pormenorizada, o pedido velado de alguma coisa com que comprar açúcar.

E a figura trôpega e alequebrada afastou-se para dar lugar a outra que já sem constrangimento me disse:

Sabe, minha senhora, sou de Alcobça. Tive uma paralisia que me apanhou a perna e o braço direitos. Ainda se ao menos pudesse trabalhar... Mas assim... É tão triste...

Tenho uma filha casada, mas ela e o marido estão no hospital. Tiveram um grande desastre. E também tenho uma neta, mas essa quase nunca me escreve. Eu sei que não se importa com a avó, pois mesmo assim quando me dão algum dinheiro compro um postal e peço que escrevam, para saber que eu ainda existo.

E outras figuras surgiram diante de mim, contando-me a sua odisseia e lamentando-se sim, porém sem arroubamento nem entusiasmo, como se tudo quando me referiam se reportasse a outrem e não fosse a tragédia vivida pela própria narradora. E eu comecei a compreender que naquele lugar já não havia vida no verdadeiro sentido que damos a este termo e que perante mim haviam passado seres humanos sim, mas tão afastados das humanas reacções que já quase nada possuíam que os identificasse com eles. Não eram estas, porém, na realidade as mais negras sombras que eu veria naquela tarde.

Mudei de banco. E ali estava à espera que conversassem comigo. Porque eu não queria forçar fosse quem fosse a confidências do coração que não desejasse fazer. porque eu queria ser alívio e não suplício daqueles que tão pouca consolação podiam lograr agora da vida e do próprio mundo.

E foi então que as mais negras sombras desceram sobre mim, adensando as trevas da noite, que rapidamente se aproximava, quando compreendi que a Senilidade, a Desgraça, a Miséria e a Dor haviam toldado para sempre a razão daquelas pobres sombras que ali, sentadas junto de mim nada tinham para me contar, porque não sabiam sequer quem eram ou porque estavam naquele lugar, nem porque teimava eu em afagar as cabeças venerandas daquelas três velhinhas de sorriso manso, olhando curiosas a lágrima rebelde que eu furtivamente enxugava, no receio vão de as ferir com a minha incoerente atitude.

FÁBRICAS TRIUNFO

S. A. R. L.

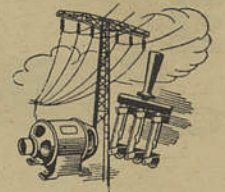
Coimbra-Lisboa-Porto-Abrantes-Faro

Ao inaugurarem as suas novas dependências na capital algarvia, as

FÁBRICAS TRIUNFO, S. A. R. L.

saúdam os seus muitos clientes e amigos que, em Faro e em toda a província, desde sempre concederam aos produtos por elas fabricados uma marcada preferência, esperando continuar a dever-lhes, no futuro, o mesmo favorável e animador acolhimento.

MANUEL DA SILVA NOY
REPARAÇÕES RÁDIO - ELÉCTRICAS



Accesórios para
RÁDIOS E AUTOMÓVEIS
TELEFONE 118
Vila Real de Santo António

Sai e notei que o ar fresco me fazia bem, mas o mundo que eu conhecera lá dentro ia comigo e, talvez por isso, este outro em que de novo entrava, me parecia menos brilhante agora.

AS CAVES DO GUADIANA

DE VICENTE RODRIGUES

TELEFONE 74

CAFÉ RESTAURANTE

O MELHOR DO GÉNERO NO ALGARVE

VINHOS DE MESA VERDES E MADUROS DAS MELHORES QUALIDADES

Vila Real de Santo António

Agradece a visita de V. Ex.^a e recomende a n/ casa às pessoas suas amigas



BOLINDER'S

« Diesel » — 4 tempos

Motores industriais e Marítimos

Grupos electrogéneos e auxiliares de bordo

Moto-Bombas /-/-/ Compressores portáteis

UNIDADES EM «STOCK» PARA ENTREGA IMEDIATA

REPRESENTANTES

Agência Marítima Transatlântica, Lda.

« SECÇÃO TÉCNICA »

RUA DE S. PAULO, 9-1.º — TEL. 29330 — LISBOA

VERTEX



FRIGORÍFICOS VERTEX

Modelo 130 - L — Esc. 4.650\$00

Modelo 160 - L — Esc. 6.400\$00

Modelo 190 - L — Esc. 7.000\$00

Modelo 230 - L — Esc. 8.500\$00

O Frigorífico premiado com a medalha de Ouro na Exposição Internacional de Bruxelas - 1958

Rádios receptores c/ pilhas 1.450\$

Enceradoras

Enceradora-Aspiradora

Ferro eléctrico automático 260\$

Gira Discos 3.400\$

Grelhador 1.290\$

Máquina de lavar roupa - Secadora 2.490\$ - 5.950\$ e 6.650\$

Moinhos de café 260\$-280\$ e 510\$

Termo Ventiladores 820\$ e 1.150\$

Ventoínhas de 310\$ a 1.030\$

REPRESENTANTE:

Agência Comercial e Marítima do Sul

Av. da República, 65 - Telefone 76

Vila Real de Santo António

A GELEIA REAL

≡ DA ABELHA ≡

EM LUTA CONTRA O CANCRO

TIVEMOS o prazer de conhecer pessoalmente Boyer de Belvefer, O leitor conhece-o, através dos inúmeros artigos que publicámos nestas páginas, em luta cerrada contra esse flagelo da humanidade: o cancro. Esse conhecido cientista que apelidam de «O Pai da Geleia Real», esteve em Lisboa, recentemente, sendo a sua visita de larga projecção em todas as escalas sociais que se interessam verdadeiramente por esse famoso produto oriundo da «Geleia Real» de abelha que ele estudou, estabeleceu e comercializou sob o nome sobejamente conhecido de «Apisérum».

A seu lado, sorridentes, confiantes, estavam dois outros cientistas a quem a humanidade um dia devotadamente pronunciará os seus nomes: dr. Gautrelet, médico parisiense que há muito se dedica ao estudo da Geleia Real, e o prof. Gordon

Townsend, biólogo canadiano que descobriu algo positivo nas aplicações da Geleia Real sobre o cancro.

Esta visita a que a imprensa dedicou a sua melhor atenção, foi exactamente com o intuito de esclarecer o público português, e já grande consumidor do «Apisérum», acerca das experiências que, neste campo, estão em curso, que o prof. Townsend, o dr. Gautrelet e o sr. De Belvefer, concretizaram os recentes trabalhos a que dedicaram particular atenção.

A Geleia Real no tratamento do Cancro

▲ Geleia Real, administrada em doses elevadas, a pacientes com várias for-

mas de tumores malignos, verificaram remissões, verdadeiramente brilhantes, sem que possa falar-se, no entanto, de curas definitivas, visto que a cura do cancro não está resolvida. Contudo, após

as mais recentes experiências, pode afirmar-se claramente, que muitos doentes tratados estão, de momento, clinicamente curados.

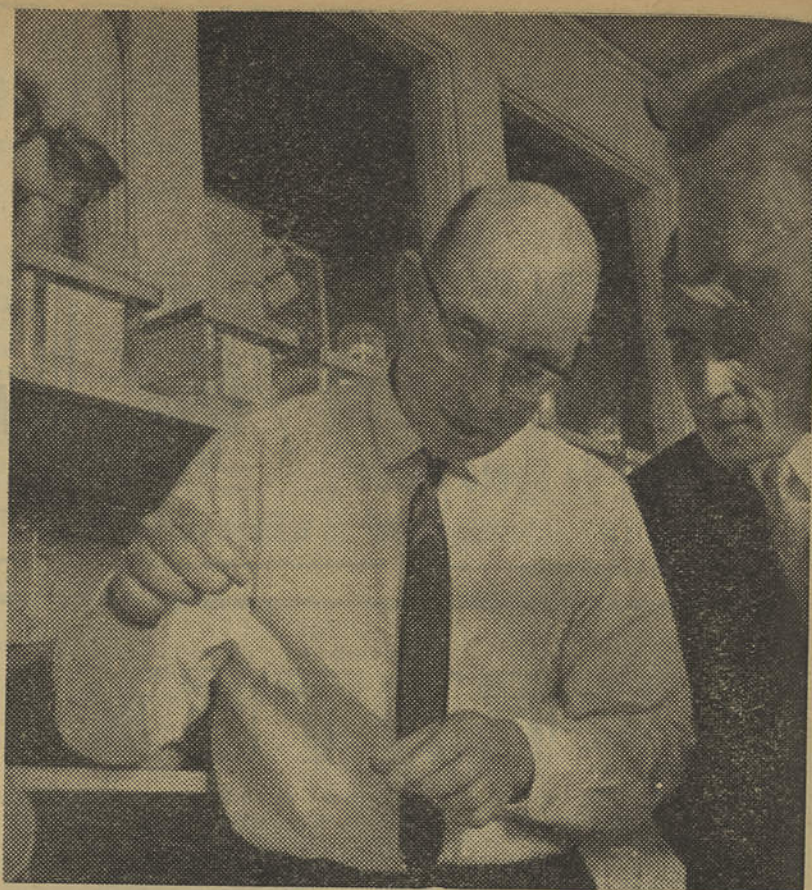
As experiências, no entanto, continuam em curso em hospitais canadianos e franceses.

Todavia, o dr. Gautrelet é, presentemente, o primeiro cientista a focar concretamente, digamos, o interesse da Geleia Real da abelha na luta contra o cancro, afirmando que o «valor curativo desta substância se revela acentuadamente diferente consoante o tipo de cancro a tratar».

De qualquer modo, qualquer que seja o tipo de cancro, há que associar a administração de Geleia Real aos métodos habitualmente utilizados na luta contra esta infecção — cirurgia, raios, X, rádio e cobalto.

Efectivamente, dois dos constituintes activos de extraordinário superalimento das abelhas — pteridina e o ácido hidroxidecilenico — parecem ter verdadeira acção contra o cancro. E a Geleia

(Conclui na página seguinte)



Durante as experiências efectuadas pelo prof. Townsend. A seu lado estão os srs. De Belvefer e dr. Gautrelet



Um jornalista português entrevista, no AVIS HOTEL, os srs. De Belvefer, prof. Townsend e dr. Gautrelet

CASA RUBI

DE

CLEMENTINA M. MARTINS MARINHEIRO

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
CONTA PRÓPRIA

Rua Sousa Martins, 55-57
Telef. 311 Vila Real de Santo António



LIVROS

ENSINO | Obras Literárias
Primário-Liceal | dos melhores
Técnico-Secundário | escritores Nacionais
e Estrangeiros



REVISTAS

Para Ti - Cinderela - Enxoval da Noiva
Lar-Vénus-Bastidor e Máquina
Bordados à Máquina-Ela
Albuns de Ponto Jugoslavo e Crochet, etc.



FIGURINOS DIVERSOS



ÓPTICA MÉDICA

ARTIGOS ESCOLARES

Cadernos - Sebentas - Tabuadas
Aparos - Canetas - Lápis
Borrachas - Ardósias - Material para
Desenho - Tintas Guaches
Aguarelas - etc.



ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

Classificadores - Dossiers - Pastas de
Arquivo e de Secretária - Fitas para
Máquinas de Escrever - Tintas - La-
cres - Colas - Máquinas para Agrafar
Agrafes - Perfuradores - Datadores
Numeradores, etc.



Tabacaria - Novidades - Brinquedos - Utilidades



TODO O ARTIGO PARA
PESCA SUBMARINA

A PROPÓSITO DE Teixeira Gomes

(Conclusão da 16.ª Página)

com o mais fêrvido entusiasmo em alguns dos seus livros. No *Inventário de Junho*, anota ao visitar o Museu de Nápoles: «Os utensílios de cozinha, simples cassarolas, fogões económicos, chaleiras; os móveis das casas, as jarras e cântaros de barro com figuras vermelhas; tudo o que era produto comercial e corrente da indústria grega vale mais do que as mais raras obras primas da arte moderna contemporânea. Tudo quando as renascenças italiana criou, genial, empalidece à comparação esmagadora dos estuques decorativos, dos «frescos» deteriorados, das estatuetas oxidadas que se exumaram das habitações de Pompeia e Herculano, antigas colónias gregas, mas terras de província».

Ora esta habilidade única de transformarem em preciosa obra de arte os mais mezinhos objectos de uso caseiro possuem-na também os japoneses. Nisto se parecem com os Helenos; nisto de alimentarem um culto espontâneo e instinto pela arte, que é para eles verdadeiramente religião e naturalmente se afirma mesmo nas cousas singelas e humildes. Para o povo nipónico, é a arte atmosfera que se respira dia a dia e não custoso artigo de luxo, produção domingueira ou fria peça de museu; é algo que faz parte da própria vida. Talvez o seu decanto asseio seja no fundo simples manifestação de ordem estética, como repulsa estética foi o sentimento que dominou Teixeira Gomes ao zurzir o irmão redondista de San Juan de los Rios... E que será esse tão refinado culto do requinte, no Japão levado à máxima culminância, senão aspecto ainda de estranho amor à arte, exteriorização espontânea e irresistível do instintivo sentido de Belo que anima os Nipões?

E não é este, penso, a única semelhança, porque, do clássico ideal de equilíbrio, de serena harmonia do espiritual e do corpóreo, por Teixeira Gomes sonhado e tão formosamente vivido na Hélada outrora, creio, à parte a Grécia evidentemente, haver sido ainda o Japão (tenho em mira, sobretudo, o velho Japão dos samurai) o país que dele mais se avizinhou; pois, graças talvez a esse maravilhoso instinto estético, a esse devotado e paciente culto pela arte, nunca se submergiu nos fantasmagóricos e caliginosos delírios das aberrações religiosas, nunca hipotecou a vida a um Além sombrio e povoado de de forças de extermínio.

Lisboa, 15 de Junho de 1960

Guilherme de O. Santos

Empresa de Transportes do Rio Guadiana, L. da

TELEFONE 152

Com esplêndidos barcos, podendo tratar de passeios
fluviais e excursões para qualquer ponto do rio

Reboques e transportes de passageiros, automóveis, autocarros
entre VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - AIAMONTE e VICE-VERSA

AVENIDA DA REPÚBLICA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Chérie

— **Ó** CHICO, amanda daí uns toques de viola! Olha, toca me aquela de Carlos Ramos, que começa assim: «Não venhas tarde...»

O Chico diz que não sabe. Ele é filho da Mouraria e não sabe os fados novos: só os velhos, os do Marceneiro ou os do Armandinho. E encolhe os ombros e cospe para o lado, olhando de soslaio a sua Rosa Maria, peixeira regateira e sensaborona.

— N'an toque nada esse, toque mas é a «Lisboa antiga...»

— Ó Chico, esse não... toca antes um «roki» do Elvis... Vá, Chico

— Esta gente está parva! Eu sou guitarrista não sou nenhum roquista!

O Chico tem razão. Na Lisboa — 1 não tocam já fados nem canções afadistadas nem as ligas têm facas nem as mulheres põem chales pretos. A Lisboa — 1 derrotou, desde há muito, as velhas Mouraria. Alfama e Madragoa. Até o Bairro-Alto se lamenta. E diz a toda a gente que não há já Chiccos mas sim srs. Franciscos; não há Rosas, mas Donas Rosas.

O turista, de máquina em riste, óculos escuros, camisas coloridas, andar desengonçado, perscruta agora a Lisboa moderna que se ergue para lá da Praça do Chile — a Lisboa — 1.

Eles sabem que a nova arquitectura assentou ali arraiais; e dispararam o «flasch» das máquinas numa sinfonia de «look...» *clik!* uma Fonte Luminosa, uma Praça de Londres... «look, mr. Edd», *clik!* mais uma chapa; e ficam extasiados ante o panorama

'belo e magestoso da Avenida do Aeroporto.

O português da Lisboa — 1, gosta de os receber. Prepara as listas dos restaurantes e põe um catraio à porta com vagos conhecimentos da língua aliada. «Cá-monne, sir, fourteen escudos pour persona!» e eles sorriem, satisfeitos, por tanta estupidez junta. «Look, mr. beer frescas!» E eles continuam a sorrir, amavelmente,

(Conclui na página seguinte)

ALUGUER DE AUTOMÓVES SEM CONDUTOR
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
STAND DE VENDAS
OFICINAS
COMAL

Av. Alvares Cabral, 45-B-LISBOA
Telefones 680160-688525

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

Pastelaria **Camélia**

Esmerado fabrico Especialidade em Gelados

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 21-B

Telef. 53242 - Lisboa

O MEU ALGARVE

Neve! Amendoeiras! Oh! que formosura!
Moiras encantadas saudades carpindo...
e pelas estradas, alegres, sorrindo,
moças de olhos negros, cheios de ternura!...

Chaminés moiriscas na arquitectura,
brancas açoteias num conjunto lindo;
e no mar os barcos, descendo,... subindo,...
baloçando-se nas vagas com brandura.

Berço de poetas e marinheiros
Que honraram a história! Valentes guerreiros
que souberam bem alto esta Pátria erguer!

É assim o meu Algarve encantador,
onde o sol tem mais luz e o céu tem mais côr,
e onde eu tive o privilégio de nascer!!!

Linda-a-Velha

Manuel Tação Monteiro



O HOMEM DOS SORVETES — Outro quadro típico de Lisboa: o vendedor de sorvetes para todos os paladares. A freguesia é grande e os «copos» são, de certo, mal aviados, mas o calor é forte e tudo isso não terá reclamação porque o preço não dá margem...

(Conclusão da página anterior)
ignorando a *beer* que eles substituem por água cristalina. Há, ainda, o cicerone amável desta Lisboa — 1 que lhes diz a tabuada velhinha de «isto há dez anos não passava duma grande quinta sem prédios...»

É verdade. Esta Lisboa — 1 há dez anos era um mar de quintarolas mal divididas donde se colhiam couves e nabijas e o rapazito com «fisgas» brincava alegremente nesta Alameda da Fonte Luminosa. Depois surgiram os primeiros prédios, os primeiros arruamentos. E ela embelezou-se. As pás e as picaretas e os tractores, demoliram, e poliram depois, o solo revoltoso e rochoso, e a relva viçosa cobriu esse solo.

Hoje, a Alameda de D. Afonso Henrique, está transformada num parque de bela paisagem, cuidadosamente zelada pela vigilância dos empregados camarários, e enquadra por um conjunto de modernos edifícios que formam um bloco prestigioso da arquitectura portuguesa.

Nem tudo é bom, nesta Lisboa — 1, como não podia deixar de ser. E sinceramente o afastamento daquele bairrismo que fez de Lisboa a menina graciosa e o carácter-típico de Lisboa de outrora; mas o progresso venceu o gemido da guitarra e esta foi derrotada pela máquina da música; e a população respirou, finalmente, ar puro, e desempoeirado das suas janelas altaneiras donde se avista o Bairro de Alvalade com o seu casario alinhado e limpo e onde o sol entra de manhãzinha e a lua, à noitinha, vem beijar as vidraças das janelas.

Por tudo isto, os Chicos e as Rosas Marias dizem que esta Lisboa — 1 *apunhalou* Alfama e Mouraria — e passam por ela indiferentes refugiando-se no que eles afirmam ser a verdadeira Lisboa...

Emílio Valongo

LISBOA - I

José Maria Gomes & Irmão

Compram e vendem:

**Todas as qualidades de
Sucata - Navios, Batelões**

Fábricas para desmantelar, etc., etc.

Escritório e Armazém em edifício próprio

Rua Arco a Alcântara, 46

Telefones 666614-638191

LISBOA

CEAL

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve

Sede em LISBOA — Rua Rodrigo da Fonseca, 49

Telefone 731151/2/3

Delegação do Algarve — **Subestação de Loulé**

Telefone 180

Delegação do Alentejo — **Subestação de Beja**

Telefone 803

Concessionária da grande distribuição de energia eléctrica nos concelhos de Mourão, Portel, Reguengos de Monsaraz e Viana do Alentejo no distrito de Évora e nos distritos de Beja e Faro e da pequena distribuição nos concelhos de Alvíto, Cuba, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Lagoa.

SUBESTAÇÕES

1) — Beja 60/30/15 kV	10.000 kVA
2) — Loulé 60 30 6 kV	10.000 kVA
3) — Portimão 30 15 kV	2.000 kVA
4) — Aljustrel 30 15 kV	500 kVA
5) — Amareleja 30/15 kV	300 kVA
6) — Cuba 30, 15 kV	300 kVA

23.100 kVA

LINHAS

1) — Rede de 60 kV — 134 km.
2) — Rede de 30 kV — 375 km.
3) — Rede de 15 kV — 247 km.
4) — Rede de 6 kV — 2 km.

758 km.

Apta a fornecer energia eléctrica em alta tensão para fins industriais, agrícolas e outros nos seguintes concelhos:

ALENTEJO

Beja
Aljustrel
Almodovar
Alvíto
Castro Verde
Cuba
Ferreira do Alentejo
Mértola
Moura
Mourão
Ourique
Portel
Reguengos de Monsaraz
Sarpa
Viana do Alentejo
Vidigueira

ALGARVE

Faro
Albufeira
Alportel
Lagoa
Lagos
Loulé
Monchique
Portimão
Silves
Tavira
Vila do Bispo
Vila Real de Santo António

GRUPO EXCURSIONISTA

«4 DE JULHO»

Fundado em 1943

AREOSA-PORTO

Ex.^{mo} Senhor
Gerente da Pensão Mateus
Vila Real de Santo António

Com os nossos melhores cumprimentos, vimos, de conformidade com o pedido verbal de V., informar de que na 1.^a reunião da Direcção deste Grupo, foi por unanimidade resolvido inscrever na acta, um sincero elogio à Casa que V. dirige, pela maneira profícua e correcta com que se dignou distinguir os componentes desta Agremiação.

Sem mais de momento, e esperando grandes prosperidades para essa «Casa», subscrevemo-nos com elevada estima e consideração.

De V.

Atenciosamente,

António A. Lopes

2.^o Secretário

ALMOÇO DE HOMENAGEM

Ao dr. Mário Lyster Franco

Foi marcado o dia 10 do mês próximo, pelas 15 horas, no Salão de Chá «Imperium», Rua de Santa Justa, 105, para o almoço de homenagem que um grupo de amigos e admiradores do escritor e jornalista Dr. Mário Lyster Franco, lhe vai promover em Lisboa, com a colaboração da Casa do Algarve, como o testemunho de apreço pelas suas altas qualidades literárias e de arqueólogo e regionalista.

É já bastante avultado o número de inscrições, as quais se continuam a receber na Casa do Algarve, Rua Capelo, 5-22. telefone 23240.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

EXCLUSIVOS:

Casa TRINDADE COELHO

Calçado NILO e ARAUTO

Fatos de banho SEGON

Camisas MAGNA

Chapéus PALMARES

Gravatas A T C A

Confecções CORTE INGLÊS

Tipografia SOCORRO ▶

Os mais modernos estabelecimentos gráficos do Sul do País — Telef. 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PARA TODA A SUA ROUPA **Agora** **OMO**

em pacote gigante

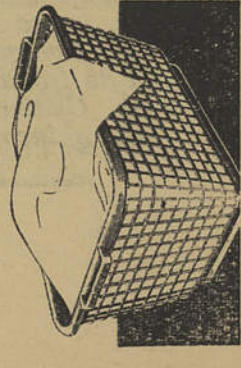
*Gigante no tamanho...
nas qualidades...
nas vantagens!*

UMA BOA NOTÍCIA
para todas as donas de casa

Todas as boas donas de casa desejavam um pacote Omo de grande formato. Pois agora, aqui está: Omo Gigante para as donas de casa zelosas, para todas as que gostam que em sua casa tudo seja perfeito, para aquelas que escolhem sempre o que há de melhor e mais cuidado e que, de há anos para cá, adotaram para a sua roupa a famosa *brancura Omo*.

Com o desejo de mais uma vez facilitar a vida da dona de casa, Omo sente-se agora bem feliz de poder dizer:

Aqui está, ao seu dispor, Omo Gigante! Para si, todas as vantagens e qualidades de Omo, agora acrescidas de perfume mais agradável e ainda maior poder de brancura.



E COM OMO GIGANTE, UM CESTO AINDA MAIOR, O CESTO GIGANTE OMO

Para si, um cesto gigante, de plástico colorido, grande, prático e elegante! E, a título excepcional, como oferta de lançamento de Omo Gigante, este sensacional cesto Omo é seu em troca de apenas 1 tampa de Omo Gigante e só 2\$550! Não perca esta oportunidade única! Compre já o seu pacote gigante de Omo!



OMO lava mais branco!

Contos Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

A fábula

A minha vizinha tem um papagaio. A gaiola fica na janela. Um espectáculo. Junta-se pessoal na rua, a ouvir o paleio sem sentido. A memória fenomenal do bicho! Aprende tudo! Imita as crianças da escola primária, dá o tambor das meninas do azilo, chamo querida, dá os bons dias, assobia à americana quando passa uma rapariga ou um rapaz indistintamente.

Eu não queria fazer comparações. Velhas como o mundo. As pessoas que dizem o que lhes mandam, não é? Não há fabulista, desde Esopo, que não meta a colherada. Eu não o quero fazer. Mas é tão difícil, quando se ouve todo o dia, todos os dias, o falsete do Jacó a vomitar insensatezes, tolices, gritarias...

Afinal de contas

Uma das minhas recordações mais antigas: desejar ter muito, muito, muito dinheiro. Para quê? Para acabar com os pobres. Distribua-o todo, e pronto, não havia mais pobreza.

Jogo infantil, claro. Eu não sabia que o dinheiro aumente do canto da nossa arca na razão directa da miséria dos outros. E da nossa própria miséria, afinal de contas.

«Aquele morcego»

Vou a dizer a propósito de que veio a nota anterior.

Tive hoje a visita da D. que é minha conhecida e amiga há tantos anos. Quando tirava o liceu, lamentava-se que estava farta daquilo, que o que ela queria era empregar-se, e assim e assado. Empregou-se, como queria. Ai um ano. Emagreceu. Está farta do trabalho, do escritório. Ganha mal, mas isso não a incomoda muito. O

(Conclui na página seguinte)

UM NOVO BARCO LANÇADO À ÁGUA em Vila Real de S. António

QUANDO se visitava na Avenida da República, ainda estreita e de piso de barro poeirento os estaleiros ali em laboração, poucos adivinharam nos hábeis calafates que pela areia dourada que emoldura o Guadiana, iam pouco a pouco construindo pequenas embarcações, os mesmos calafates que hoje em dia, embora em estaleiro um pouco mais distanciado por necessidades de urbanização e mesmo facilidades de construção naval, os mesmos operários de mãos habéis que agora vinham de construir, graciosamente nas suas linhas e enorme em tamanho, o novo barco de arrasto «Párola da Ribeira Nova», de 26 metros de comprimento e que desloca aproximadamente 200 toneladas.

Lançado à água numa cerimónia simples mas de tocante significado, significado sempre digno dos nossos mais altos pensamentos, pois não só esses barcos representa o «ganha pão» de famílias, como também é mais um instrumento na valia da economia da Nação. Estiveram presentes os sócios gerentes da firma srs. eng. Mariano Gois, dr. Casanova Alves e esposa, dr. Eduardo F. Pires Gago e esposa, Almirante Joaquim Marques Espareiro, Comandante Melo Carvalho e esposa, Major J. Nascimento Moura, e a sra. D. Maria Lucinda Pires, e ainda os convidados sr. Matias Sanches, presidente do

‘PÉROLA DA RIBEIRA NOVA’

Município, chefe da alfândega, sr. Piloto-Mór., chefe da P. I. D. E., chefe da P. S. P., chefe das Finanças, armadores e industriais desta vila, representantes da imprensa e demais convidados.

Após a cerimónia do baptismo da nova embarcação, que foi ministrada pelo rev. Padre Galhardo, foi lançada à água pela mão da madrinha sra. D. Laura Casanova Alves.

A moderna embarcação que reúne todos os modernismos requeridos para a pesca do arrasto, tem o comprimento de 26 metros, 3, 10

de pontal, desloca aproximadamente 200 toneladas e é acoplado com um motor 300. H.P. que desloca à velocidade de 9 milhas horárias.

Após a cerimónia do lançamento à água, foi servido pelo café Império um fino «lunch», no pinhal anexo ao estaleiro.

«Notícias do Algarve» agradece o convite enviado pela Empresa proprietária do novo arrastão e ao mestre António Pena quem auguramos a construção de melhores e mais unidades navais.

NOTICIÁRIO DE OLHÃO

Comemorações Henriquinas

No passado dia 10. data consagrada como o Dia de Portugal, realizou-se com muito brilhantismo um festa infantil por alunos das Escolas do Ensino Primário de Olhão, tendo como cenário as Escolas situadas no Bairro Marechal Carmona, freguesia de Quelfes, do concelho de Olhão, e em que se homenagearam os heróis Infante D. Henrique e Luís de Camões, dois nomes, dois símbolos, orgulho de todos os portugueses.

Simple e alegres todos aqueles pequenos, crianças hoje e homens amanhã, desempenharam

compenetradíssimos os papéis teatrais que lhes impuseram, esforçando-se por cantarem bem alto o valor do grande Infante e do valeroso Camões.

Iniciada a modesta mas muito significativa festa com o Hino Nacional a que se seguiu uma curta alucção explicativa do acto, pela voz do Adjunto do Delegado Escolar do concelho, sr. prof. José Raminhos Dourado, tivemos o prazer de escutar uma série de cânticos, poesias e quadros históricos alusivos à vida e obra dos dois grandes portugueses.

«Notícias do Algarve» esteve presente ao acontecimento, para o qual fora convidado.

Terminada a festa com o bem interpretado Hino a Sagres, ficámos satisfeitos por verificar que os gloriosos nomes simbolizavam para aqueles pequeninos escolares dois valores nacionais pelo que era dever venerá-los e respeitá-los.

A crise continua...

...Olhão continua a sofrer por falta de pesca. Na verdade a presente crise é das maiores que os filhos de Olhão têm atravessado e por tal motivo espera-se das entidades oficiais um pouco de atenção para a massa operária que se encontra desempregada... — C.

GAVINO RODRIGUES

COM CASA DE PASTO
ALMOÇOS - JANTARES e LANCHES VARIADOS

Aberto das 6 da manhã à 1 da noite

= Rua Cândido dos Reis, 83 =

Frente ao Mercado — Vila Real de Santo António



CONTA GOTAS

(Conclusão da página anterior)

pai continua a enviar-lhe a soldada de estudante. A D. acha que a vida, assim, é simplesmente pavorosa. Homens vis que mandam, só porque têm dinheiro; homens que se subjagam, que se rebaixam, porque precisam de levar o pão para casa. «Nunca penséi que o pão dos pobres fosse tão amargo...»

E fala, fala... O patrão, por exemplo. (Ela não dizia «patrão» ou «casaca» ou «o velho», como geralmente se diz; dizia «aquele morego»...) «Aquele morego» acabou, à minha vista, de comprar terrenos para prédios no valor de 3 mil e quinhentos contos; deu logo ali, de sinal, mil contos. Um colega meu, pai de filhos, chegou 18 minutos atrasado; pois «aquele morego» descontou-lhe esse tempo no ordenado. Não me pude conter e censurei-o. Ele ouviu, ouviu, e depois disse: «Minha filha, eu tenho de zelar os meus interesses, eu sou também um homem pobre, nem sequer a cama onde durmo é minha...» Não está a ver o grande morego!

Baril, baril, digo eu para mim própria, como os garotinhos que jogam o bérilinde no Terreiro. Ótimo, ganhei o dia. Não há nada de que goste tanto como de ver os jovens revoltarem-se contra a injustiça e a crueldade. Por uma razão simples: porque não há melhor garantia de um futuro bom, de uma vida digna.

Meditação

Um escritor francês definiu assim a guerra atômica: «Aquele depois da qual ninguém poderá ir ao meu enterro.»

Este é o motivo para meditação que hoje lhes ofereço, amigos leitores.

Maria Manuela Nunes

os tempos mudaram...



o homem moderno barbeia-se
com a

PHILISHAVE

MÁQUINA ELÉCTRICA DE ACÇÃO ROTATIVA;
A MAIS VENDIDA EM TODO O MUNDO
E TAMBÉM PREFERIDA POR MAIS
DE 100.000 HOMENS EM PORTUGAL



Habilite-se



A oferta de valiosos prémios e a assistir durante
uma semana aos Jogos Olímpicos em Roma
(viagem, estadia e bilhetes, incluídos).

INFORME-SE NOS REVENDEDORES PHILIPS

A mais completa linha de camiões
é oferecida pela famosa marca

MERCEDES-BENZ



VEÍCULOS PARA:

Peso bruto	Carga útil
3.500 Kg.	1.600 Kg.
3.600 Kg.	1.800 Kg.
9.000 Kg.	6.000 Kg.
9.250 Kg.	6.250 Kg.
10.000 Kg.	6.500 Kg.
10.450 Kg.	7.000 Kg.
12.500 Kg.	8.700 Kg.
15.000 Kg.	9.600 Kg.
19.000 Kg.	13.000 Kg.
20.000 Kg.	13.700 Kg.



Galeras • Basculantes • Cisternas • Semi-reboques
Auto-carros • Chassis com transmissão no eixo trazeiro
ou nos dois eixos • Camiões com ou sem reboque

C. Santos Lda.

LISBOA — Av. da Liberdade, 29-41 • PORTO — Rua de Sta. Catarina, 160-168
COIMBRA — Av. F. de Magalhães, 70-78 • BRAGA — Av. Marechal G. da Costa
OLHÃO — Av. da República, 152 • Agentes em todo o País

AGENDA

TRAINEIRAS

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António
De 17 a 23 de Junho

Andaz	8.100\$00
Ramira	3.500\$00
Flora	1.520\$00
Refrega	1.055\$00
Suestada	1.005\$00
Total	14.830\$00

ARMAÇÕES DE ATUM

Barril	168.300\$10
Livramento	135.240\$50
Mêdo das Cascas	88.546\$20
Ahobara	67.150\$40
Cabo de Santa Maria	10.378\$50
Total	469.515\$70

Peixe Diverso Apanhado

Por diversas embarcações 15.913\$00

Soma Total 500.258\$70

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 25 de Junho a 1 de Julho a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone 49.

INSTRUÇÃO

O Senhor Ministro da Educação Nacional falando na Voz do Operário disse que a taxa das crianças ausentes da escola primária era de um por cento.

Num país em que havia zonas de 85% de analfabetos é animador ver que a quase totalidade das nossas crianças frequentam as escolas. A lepra do analfabetismo terá totalmente desaparecido dentro de poucos anos.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio

VISITE A PAPELARIA LUSITANA

na Rua S. João de Brito, 2
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Onde encontrará grande sortido de brinquedos para a época balnear aos melhores preços

Papéis nacionais e estrangeiros e todos os artigos para escritório

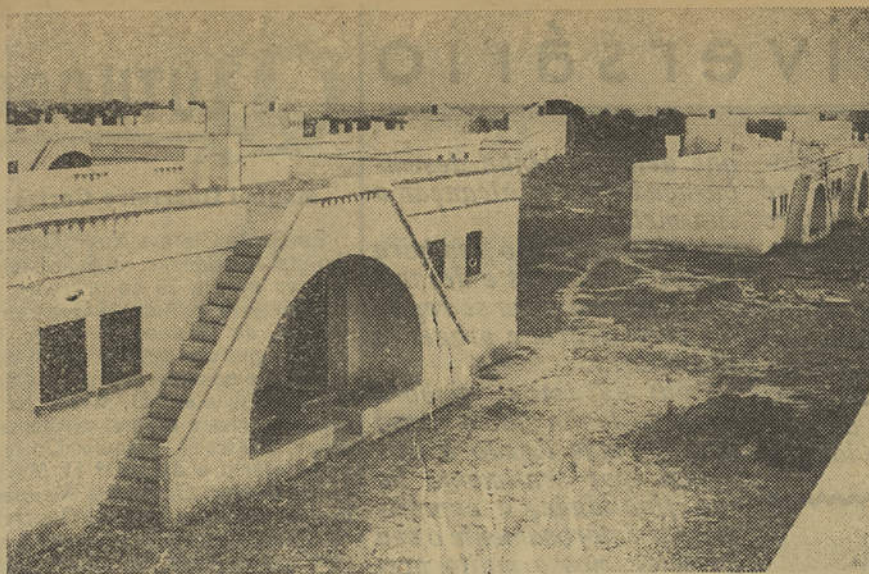
IDEAL

A PASTELARIA-LEITARIA das pessoas de bom gosto

- ▶ Completo sortido de bolos
- ▶ Especialidade em doces regionais

ATENDE-SE ENCOMENDAS PARA CASAMENTOS E BAPTISADOS

ESMERADO SERVIÇO DE BAR



OLHÃO

Bairro

dos

pescadores

O ONTEM E O HOJE

Porque será que ontem as mulheres em conversa, na praça umas com as outras, lamentavam as filhas lá porque tinham casado mal ou porque nem mal tinham casado, fechavam sempre a conversa com um: — ai ai...! coitado quem tem filhas!, e hoje só empregam o termo: — ai ai...!...coitado quem tem filhos! (?).

Como é que se compreende que ontem viamos nos comboios ou em qualquer lugar público, as senhoras com boas meias calçadas, e sem luvas, e hoje com boas luvas e sem meias?

Porque será que ontem, os soldados iam para a tropa aprender a marchar e as crianças iam para a escola aprender a ler, e hoje vão os soldados para a tropa aprender a ler (porque senão não podem ser licenciados) e os rapazes vão para a escola aprender a marchar e já fardados com as iniciais M. P.?

Via-mos antigamente as senhoras por casa andarem à vontade sem receio de que as vissem de fatos curtos, envergando, quando safam, vestidos próprios de quem receia a censura dos homens. E porque será que hoje mos-

(Conclui na 42.ª Página)

UMA CANTINA ESCOLAR

(Conclusão da 16.ª página)

ção desde há muitos anos. Após a visita a uma vasta exposição de trabalhos manuais dos alunos das esco-

las masculinas e femininas do nosso concelho, cujo tema era a invocação da obra do Infante D. Henrique, onde se apreciaram trabalhos de

relativo valor artístico, e o zelo e carinho das professoras do nosso concelho e dos professores, em trazerem ao conhecimento do público ou mais directamente aos pais e familiares dos alunos das nossas escolas primárias, os trabalhos manuais que lhes são ensinados, assistiram todos os convidados e com grande regozijo que por vezes foi impossível esconder naquele sorriso, protocolar para os rostos se rasgarem em franco sorriso, o novo e original Rancho Regional e Coral das Escolas Primárias do concelho desta vila, inteiramente constituído com alunos dos citados estabelecimentos de ensinos que eram dirigidos pelo incansável Delegado Escolar do nosso concelho sr. prof. Francisco Caldeira, assistiu-se como atrás dizíamos, a uma breve mas interessante e magnífica exibição do pequeno rancho folclórico que nos seus descantes e bailados, habilmente ensaiados, arrancaram calorosos aplausos dos convidados presentes.

Seguidamente e com a presença de todo o professorado do concelho, do sr. Presidente da Câmara Municipal que inaugurou a Cantina Escolar, do sr. Virgílio Ferreira Fagulha Director Escolar do Distrito, do sr. Silvestre de Figueiredo, inspector escola, do sr. Prof. José Marcos da Fonseca, do sr. dr. José Correia do Nasci-

mento, presidente da Junta de Província, do dr. Pais Ribeiro, Delegado de Saúde do Distrito, do sr. dr. Manuel Fernandes Vargas, conservador do Registo Civil desta vila, de diversos industriais e do representante do nosso Jornal, foi oferecido um lauto almoço nas amplas salas da Cantina recém inaugurada, tendo igualmente tomado parte no almoço o grupo folclórico infantil, e diversos alunos.

No final do almoço usaram da palavra numerosos oradores que enalteciam o sentido e a utilidade da nova cantina.

O «Notícias do Algarve» agradece muito reconhecido as atenções dispensadas e o convite enviado.

SE DESEJA UM FOGÃO A GAZ

Compre GAZELA

Pois cozinhando com GAZELA
terá cozinha mais bela

GAZELA

O fogão a gaz sem rival
na indústria nacional!

DESCONTOS ESPECIAIS AOS REVENDEDORES

Agente Oficial no ALGARVE:

JOSÉ DOS SANTOS STOCKLER

Rua Ferreira Neto, 28 — F A R O

MAIS um aniversário do «Notícias do Algarve» se regista, e com ele, mais uma vitória conquistada, em prol do melhor, da nossa querida província.

Quem acompanha de perto estas lides, não pode ficar indiferente à ardua missão que cabe na feitura dum jornal. E ainda, quan-

do pelo seu espírito regionalista, mais cuidado se reveste, pois são sempre poucos, os seus recursos, para o fazer.

Nessa difícil estrada, e por vezes com espinhos, que embarçando persistentemente o seu orientador, tentando vencê-lo, é de assinalar com pontificado louvor,

que deles se tenha desembaraçado, para alcançar a sua meta.

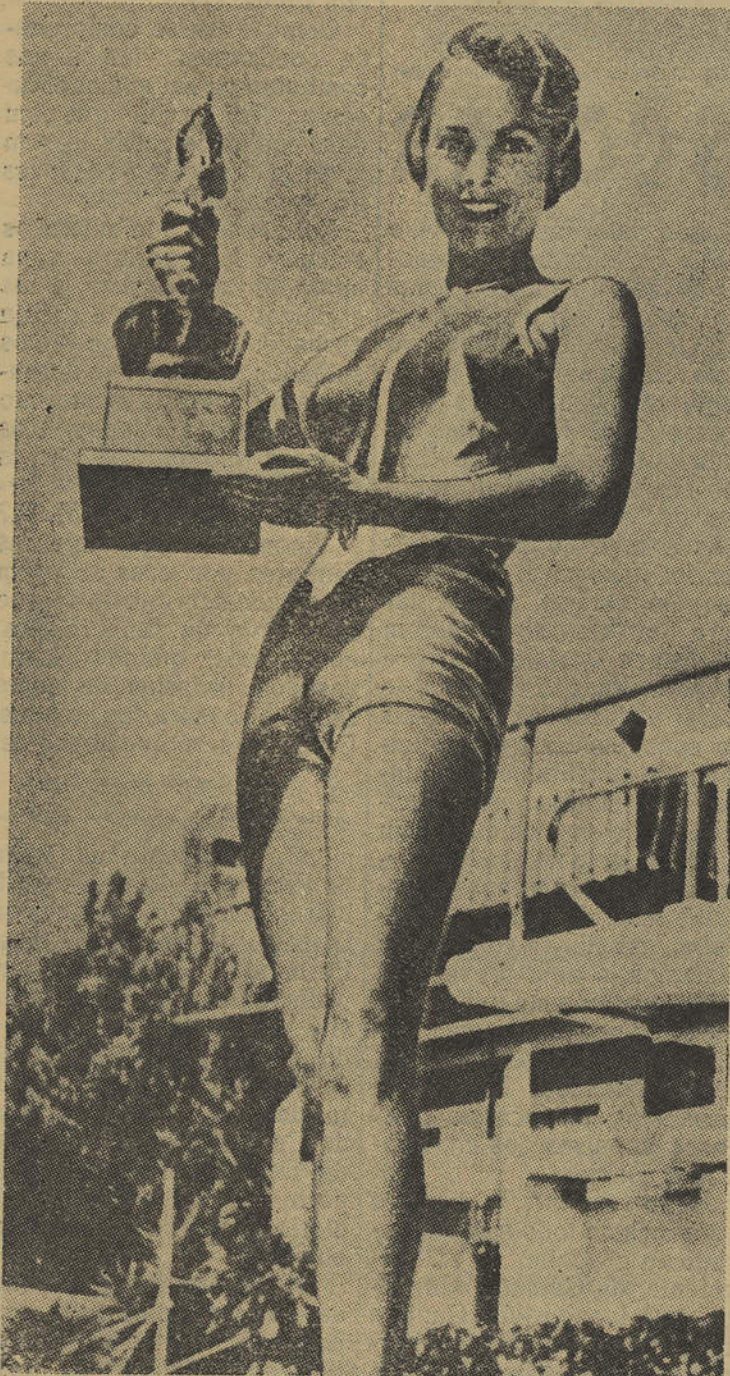
E conseguido, embora com dificuldades e desânimo, é motivo para se registar com alegria e prazer, a sua vitória.

Aqui estamos, embora modesto tenha sido o nosso auxílio, mas ligado a este jornal, por sentimento na sua finalidade, a cumprimentar calorosamente o seu Director, nosso muito prezado amigo sr. Armando Rocha Cruz, e todos quanto teem contribuído pelo engrandecimento do «Notícias do Algarve» e apetecer-lhe do coração, que a sua obra constituiu, como merecida, na melhor colheita de proventos para o nosso querido Algarve. C.

Manuel Guerreiro Cortes

Em Santa Clara-a-Nova, Concelho de Almodovar, onde residia, faleceu no dia 19 do corrente, o proprietário sr. Manuel Guerreiro Cortes, de 73 anos de idade. O extinto que era pessoa muito conhecida e considerada na região, deixa viúva a sr.^a D. Maria Júlia Costa Cortes e era pai extremoso do sr. Manuel Joaquim Cortes, proprietário e das sr.^{as} D. Maria Luísa Cortes Guerreiro Mendes, casada com o sr. Manuel Guerreiro Mendes, proprietário em Santa Clara-a-Nova, D. Ivone Júlia Cortes de Almeida, casada com o sr. dr. António Joaquim de Almeida, chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e D. Maria Amélia Cortes Martins Nobre, casada com o sr. Manuel Martins Nobre, proprietário e comerciante, residentes em Castro Verde.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.



A mulher do actor Tony Curtis, a insinuante Janet Leigh, foi considerada, recentemente, num festival realizado em Hollywood, como a «mais perfeita silhueta da mulher que existe no mundo». Ei-la, orgulhosa com a taça que lhe foi atribuída, e exibindo um fato de banho confeccionado com fios de ouro.

O ONTEM E O HOJE

(Conclusão da 41.^a Página)

tram cá fora o peito e as costas com vestidos apropriados, sem qualquer receio, e em casa teem o cuidado de se tapar de cima a baixo com o seu grande roupão, receosas de que as vejam?

Mas que aberração!... Até o dinheiro não quiz ficar à retaguarda; pois a antiga moeda de 50 reis, cujo zero estava colocado à direita,

passou repentinamente para a esquerda, e agora chamam-lhe 5 centavos.

Se a lógica não é mentira, e se tudo isto estiver em relação com as conferências de alto nível, não nos custa acreditar que a última conferência vai nascer antes de morrer, porque a última morreu antes de nascer.

Anibal Martins

Secretariado Nacional da Informação Cultura Popular e Turismo

Ex.^{mo} Senhor

Director do Jornal *Notícias do Algarve*
Vila Real de Santo António

Em nome do Senhor Secretário Nacional, no meu próprio e dos funcionários desta Repartição, tenho a honra de felicitar e cumprimentar V. Ex.^a pela passagem, em 19 do corrente mês, do aniversário do jornal da sua muito digna direcção, fazendo votos pelas suas prosperidades e longa vida ao serviço dos superiores interesses do País.

A BEM DA NAÇÃO

O Chefe da Redacção,

A. Folgado da Silveira

A GELEIA REAL DA ABELHA

Em luta contra o Cancro

(Conclusão da página anterior)

Real é a única substância natural em que se encontram tais compostos.

E a pergunta surge, naturalmente: São fundadas grandes esperanças? Certamente, por que o prof. Townsend estabeleceu peremptoriamente que quatro formas distintas do cancro são destruídas totalmente: a leucémia, linfosarcoma, o adenocarcinoma e o carcinoma d' Ehrlich. É, portanto, uma vitória sobre a grande linhagem das formas tumorais malignas, du-

ma excepcional gravidade, tanto pela técnica de reinoculação como pela quantidade de células injectadas (experiências feitas de 3 a 5 milhões de ratos).

Os trabalhos prosseguem e uma esperança parece, desde já, legítima.

A esperança não é desprezível num problema como o do Cancro

© sr. De Belvefer omitiu uma opinião sobre as progressivas experiências do

prof. Townsend que aqui registamos para finalizar.

— «O que desejo essencialmente focar é que não é qualquer interesse comercial que nos leva a abordar e expor publicamente esse problema. O êxito do Apisérum no combate à senilidade e a certas doenças microbianas satisfaz amplamente todos os nossos interesses desse tipo».

E continua:

— «Foi pelos jornais ingleses — que, até então, se haviam mostrado quase hos-

tis a tudo o que dissesse respeito à Geleia Real — que pela primeira vez tomei conhecimento dos trabalhos do prof. Townsend, a que referiam com o maior relevo. Desloquei-me ao Canadá e entrei em contacto com ele, ficando francamente impressionado com os seus resultados. Os trabalhos subsequentes do prof. Townsend, bem como os do dr. Gautrellet, em França, abriam ainda mais vastas perspectivas».

E pensamos seriamente que, num problema como o do cancro, uma esperança como a que parece entrever-se com o uso da Geleia Real, não deve desprezar-se e merece, sem dúvida, ser dada a público e encorajar apicultores e cientistas a melhorar e aumentar a produção, bem como aperfeiçoar o estudo do extraordinário superalimento das abelhas.

Visado pela Comissão de Censura

APISÉRUM

de BELVEFER

Aviso ao Público

O sucesso do **APISÉRUM** única solução da Geleia Real estabilizada, suscitou diversas imitações que podem estabelecer confusão no espírito do público, o que nos leva a dar os seguintes esclarecimentos:

Só em 2 de Fevereiro de 1952 foi possível utilizar a Geleia Real em dietética humana, o que se deve ao processo descoberto pelo eminente biologista francês, o senhor de **BELVEFER**, agraciado pelo Governo de França com o grau de **Cavaleiro de Mérito da Saúde Pública**. O senhor de **BELVEFER** registou a sua Geleia Real com o nome de **APISÉRUM** e o seu produto tem merecido as melhores referências da Imprensa Nacional e Estrangeira bem como de muitos milhares de consumidores

Que Geleia Real se encontra à venda em França?

s ó A P I S É R U M

s ó A P I S É R U M

s ó A P I S É R U M

E porquê? Pelos inúmeros trabalhos científicos apresentados por célebres professores franceses, italianos, suíços, alemães, ingleses, etc., etc. Sobre o **APISÉRUM**. Para uma ideia completa destes trabalhos e das magníficas referências feitas a este produto aconselhamos a leitura das publicações do 1.º e do 2.º Congresso de Biogenética, realizados respectivamente em Roma e em Baden-Baden (Alemanha), os quais entregamos a quem os solicitar.

DESCONFIAS DAS IMITAÇÕES

Desconfiai em particular do ilusório barato obtido por redução da dose da matéria activa.

O **APISÉRUM** vende-se em caixas de 24 empolas bebíveis de 5 c. c. sob assinatura de **B. de BELVEFER**.

Há muitas Geleias Reais, mas só um único «**APISÉRUM**»

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL CONTINENTAL, INSULAR E ULTRAMARINO:

FERNANDO DE OLIVEIRA & C.^A

RUA DE D. ESTEFANIA, 167-A-LISBOA

MANUEL DE SOUSA

Sucessor de: SOUSA CABRITA & C.^A LDA.

SILVES — (ALGARVE)

Não compre rolhas, palmilhas, tapetes, lâ de cortiça, ou quaisquer outros produtos corticeiros sem consultar os preços deste antigo fabricante-exportador

MANUEL DA SILVA PENA & IRMÃO

MADEIRAS-FERRAGENS-DROGAS-TINTAS

Agentes dos produtos DU-PONT

Fabricantes das afamadas tintas DUCO e DULUX

TELEFONE 147

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CASA MARSILVA



Apresenta a V. Ex.^a calçado de senhora, homem e criança
A PREÇOS DE FÁBRICA

RUA MATIAS SANCHES, 24.26

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Fernando José Serra Vargas

Mercearias, Cafés, Tabacos, Vidros,
Louças, Plásticos, etc.

Rua de Aveiro ♦ Vila Real de Santo António



Escreve-nos a Ex.^{ma} Senhora
D. Eva Vellez Carôço Sequeira
— Bairro Dr. Oliveira Salazar, n.º 29 — CRATO

« ... é uma verdadeira festa em minha casa! É que a Vaqueiro torna a massa tão fina e gostosa, que fica uma delícia. É vê-lo crescer no forno, muito leve e fofinho!

Uso sempre Vaqueiro para ter a certeza de tudo me sair bem!»

Verdadeiramente indispensável a todas as boas cozinheiras, a Vaqueiro é a garantia de pureza e delicioso paladar.

* Esta carta pode ser consultada no Instituto Culinário da Margarina Vaqueiro — R. Sociedade Farmacêutica, 3-3.º — Lisboa



A NOVA

Vaqueiro

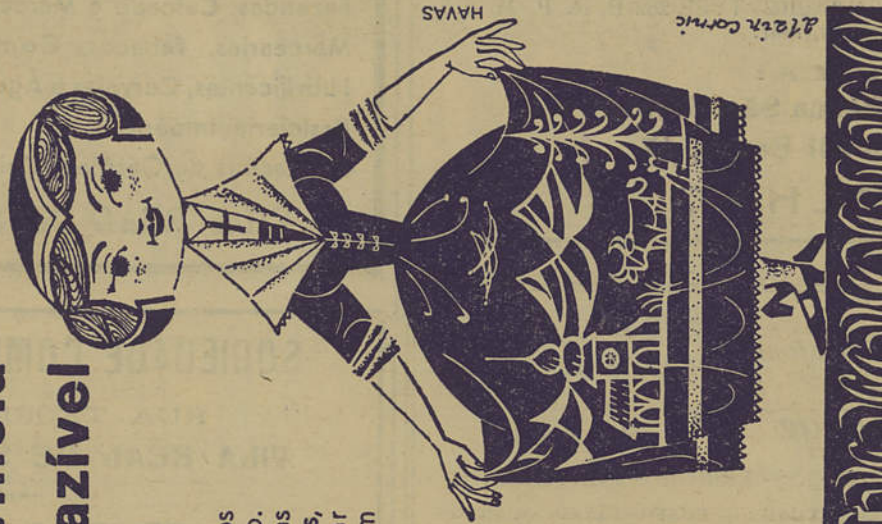
TORNA TUDO AINDA MAIS APETITOSO



província essencialmente aprazível

1960 — A SABOIA CELEBRA O SEU CENTENÁRIO

No ano corrente, explore as montanhas com reflexos lílases, os lagos românticos de uma das maiores zonas de recreio do mundo. Na Saboia, poderá tentar a sorte ao jogo em Aix, entrar nas corridas de Annecy, fazer golf em Evian, ski em Chamonix, velejar em Talloires, desafiar o Monte Branco — ou se preferir, deixar-se embalar tranquilmente sob os frondosos plátanos, olhando os cisnes que cortam as águas plácidas.



Dê largas à fantasia em França

france

COMMISSARIAT GÉNÉRAL AU TOURISME
242, RUA AUREA, 3.º - LISBOA - P. P. C. 25368/9

VENDE-SE

BARCO A MOTOR

DENOMINADO «JOMANEL», com as seguintes características:

Comprimento de fora a fora por cima, 17 69. Comprimento sinal, 16 27, Comprimento da Quilha, 13 50. Bôca, 4 95. Pontal, 1 54. Tonelagem bruta, 27 37. Tonelagem líquida, 8 76. Motor «SKANDIA VERKEN» N.º 221625 TYPE 262 B. R. P. M. 375 H. P. 85. Ano de construção, 1947.

TRATAR COM A:

Empresa de Pesca São Carlos

Rua Gil Eanes, 47

OLHÃO

ESTABELECIMENTOS IMPÉRIO

PARA BEM SERVIR

Fazendas, Calçado e Merceria	Telefone 165
Mercearias, Tabacos, Combustíveis, Lubrificantes, Cervejas e Águas Minerais	{ Telefone 45
Pastelaria Império	Telefone 186
Instalações de Gasóleo (Cais)	Telefone 120

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 4 99 06
73 25 66 (Gerência)

São Jorge

PENSÃO

RUA CASTILHO, 59-1.º — LISBOA — PORTUGAL

1.ª CLASSE — MUITO BEM SITUADA — CONFORTÁVEIS QUARTOS
COM ÁGUAS CORRENTES — CHAUFFAGE — ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE — AMBIENTE DISTINTO, SELECIONADO E
COSMOPOLITA — TRATAMENTO D'HOTEL

FALA-SE FRANCÊS E INGLÊS

SOCIEDADE COMERCIAL AIRI, L.^{DA}

RUA TEÓFILO BRAGA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

+++++

FAZENDAS - MIUDEZAS

A casa que mais barato vende por as suas compras
serem feitas directamente às fábricas

*Frigoríficos de compressão e de absorção.
Congeladores domésticos*

*Máquinas de lavar grandes e pequenas
Hidro-extractores e secadores etc. etc.*

Máquina de Cozinha

Aspiradores Enceradoras

A produção das Fábricas ELECTROLUX é toda baseada em especialidades domésticas

Electrolux, L.^{da}

LISBOA COIMBRA PORTO